



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso


O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

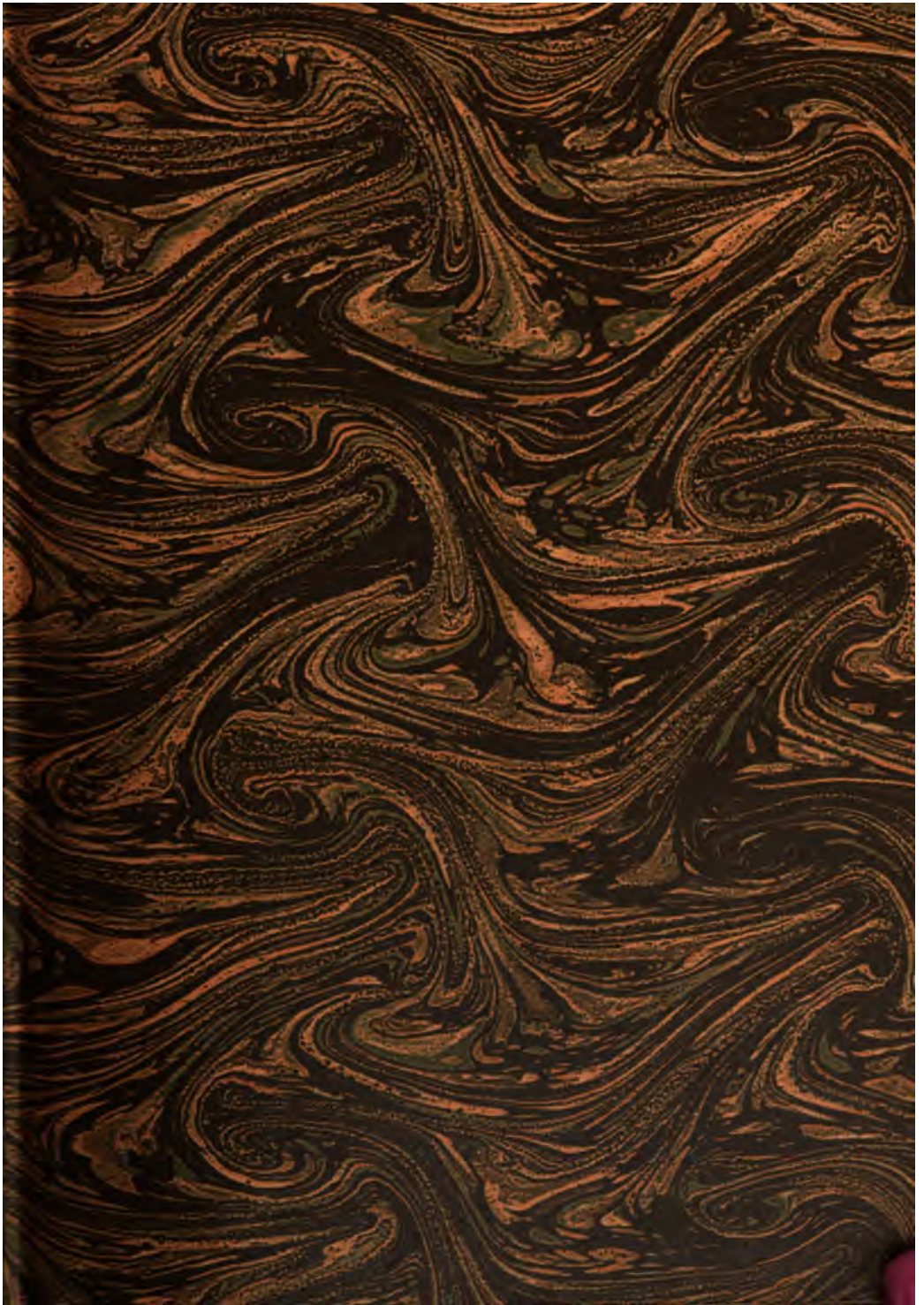
A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>

The image shows the front cover of a book. The cover is decorated with a traditional marbled paper pattern, featuring intricate, swirling designs in shades of dark brown, black, and a muted green. The spine of the book is a solid, dark color, likely black or dark brown. A small, rectangular white label is affixed to the lower portion of the spine. The label contains the following text:

BOD
M92
G
1413

BOD: M92.G01413





1

A DEFESA
DOS
PORTUGUEZES

FEITA
NA PROVINCIA DO MARANHÃO

DEDICADA
Aos seus compatriotas residentes no Brasil

POR SEU AUTHOR

João Antonio de Carvalho e Oliveira

Bacharel formado em Direito

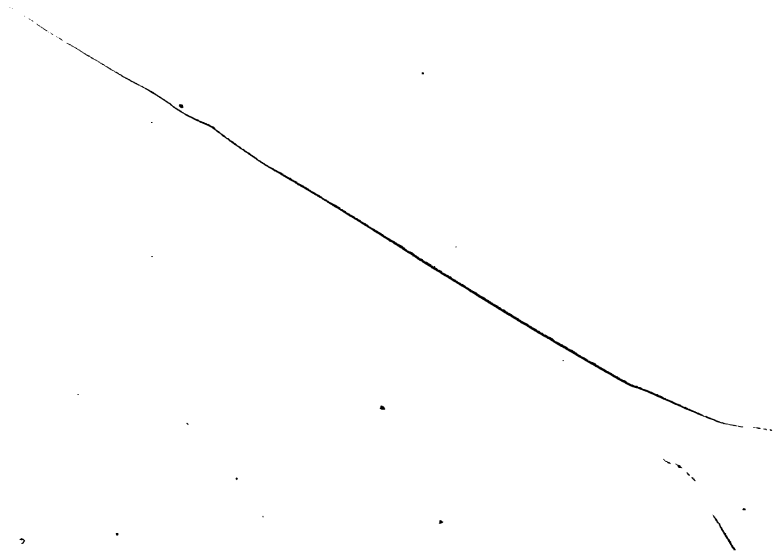
Pela Universidade de Coimbra.



RIO-GRANDE

RE-IMPRESSA NA TYP. DE CANDIDO AUGUSTO DE MELLO,
Rua da Praia n. 93.

1857.



A DEFESA
DOS
PORTUGUEZES

4235
c/wedde

FEITA
NA PROVINCIA DO MARANHÃO
DEDICADA
Aos seus compatriotas residentes no Brasil

POB SEU AUTHOR

João Antonio de Carvalho e Oliveira

Bacharel formado em Direito

Pela Universidade de Coimbra.



RIO-GRANDE

RE-IMPRESSA NA TYPOGRAPHIA DE CANDIDO AUGUSTO DE MELLO

Rua da Praia n. 93.

1857.



A DEFESA DOS PORTUGUEZES.



Combien tout ce qu'on dit est loin de ce qu'on pense!
Que la bouche et le cœur sont peu d'intelligence!

(RACINE — No Britannico.)

“ C'est aux esprits bien faits

“ Avoir la vertu pleine en ses moindres effects.

(CORNEILLE — Nos Horacios.)



ARGOS MARANHENSE no seu n. 11, entre os muitos insultos contra os portuguezes, escreve estes : « Os « portuguezes, que habitam o Brasil, não são a « nação portugueza tal qual a conhece a NAÇÃO ; não são os « nobres, os magistradòs, os militares, os sabios, os artistas ; « são sim, com rarissimas e honrósas excepções, o refugo, as « fezes, tudo quanto de infimo encerra em si o povo portu- « guez. São trabalhadores, e só n'isto são uteis ao nosso « paiz. São ignorantes, e trazem consigo todos os elementos « de opposição ás idéas de progresso e de liberdade. São cu- « biçosos e desenvolvem brevemente nos seus negocios a ma's « torpe immoralidade, a mais insigne má fé. São brancos, « e não tardam a patentear uma sobranceiria arrogante a « respeito do nosso povo que é geralmente de outra côr. São « mais protegidos do que nós no commercio, dedicam-se ex- « clusivamente a elle e, além dos tropeços que encontramos

« em uma legislação incoherente com os interesses nacionaes,
« oppõe-nos uma barreira inconcussa e insuperavel, e impe-
« dem que brasileiro algum se possa proficuamente occupar
« n'este ramo de industria. São estrangeiros : deviam por
« isso mesmo abster-se de se ingerirem nas nossas contendas
« politicas ; o partido popular os vio comtudo constantemente
« nas fileiras dos seus adversarios, sempre entre os que
« pugnavam pelo poder contra a nação, pelo regresso contra
« o progresso, sempre em armas no campo dos seus oppres-
« sores, sempre entre os que lhe derramavam o sangue e con-
« fiscavam a liberdade. Combateram no Pará, combateram
« em Caixias, combateram em Pernambuco, onde organiza-
« ram-se militarmente, e oppuzeram as suas cohortes ás
« cohortes populares, as suas columnas aos exercitos nacio-
« naes. Ha estrangeiros, que sendo hospedes, fazem-se
« senhores ; que vindo desvalidos, constituem-se oppresso-
« res ; não admira que o nosso povo retribua odio por odio,
« maldição por maldição. O povo não aborrece n'elles os
« portuguezes ; aborrece sim, os factores da tyrannia, os pro-
« pugnadores da politica do regresso e da compressão. »

Em o n. 13 acrescenta : « A emigração portugueza, excep-
« to a que se effectuou de 1808 a 1820, foi sempre o refu-
« go, as fezes, a parte infima do povo portuguez. Por muito
« tempo só os degradados vinham para o Brasil... Os nossos
« antepassados são os labregos portuguezes, os caboclos e os
« pretos d'África . . . »

O PROGRESSO, sem duvida muito mais moderado e polido,
diz em o n. 23 de março ultimo : « A REVOLUÇÃO DE SETEM-
« BRO, jornal popular tambem de Lisboa . . . fez justiça aos
« Brasileiros, e fim to . . . e a dar salutaes conselhos aos seus
« patricios de além-mar, que, a terem sido abraçados, es-

« taria terminada a discordia, e estabelecida a harmonia en-
« tre as duas nacionalidades . . . »

E mais abaixo : « Os portuguezes estão de posse exclusiva
« do commercio, NÃO PODEM TOLERAR este retrocesso de opi-
« nião. D'aqui a collisão, o deploravel reaparecimento de
« reciprocas offensas, de odiosidades já extinctas Quaes
« os culpados?... É um facto que está á vista de todos, uma
« anomalia de triste realidade—que o brasileiro ACHA-SE IM-
« PEDIDO de commerciar no seu proprio paiz

« Não se diga que os brasileiros acham-se excluidos do
« commercio por se não darem a elle, e não terem para isso
« a necessaria aptidão. A causa é de certo outra ; porque pa-
« ra destruir esta asserção, bastam esses poucos caixeiros
« brasileiros, QUASI TODOS empregados nas casas inglezas . . .
« Se são excluidos, senão encontram accesso no commercio,
« é porque lhe superabundam outros que lhe são preferidos ;
« é porque o homem, em estranha terra, não póde deixar de
« agazalhar de preferencia o seu patricio desvalido. Cum-
« prem um dever sagrado, obedecem aos impulsos do cora-
« ção ; cabe-nos a nós o cumprimento do nosso dever para
« com os filhos do Brasil.

« Mas não é só isto ; além d'estas causas geraes, que de
« certo não podem dar motivo a queixas da nossa parte, exis-
« te como que uma PAREDE, OU COLOIO entre os portuguezes,
« nossos hospedes, para excluir-nos do commercio ; como
« que se julgam privilegiados para exercêl-o exclusivamente
« no paiz

« O lavrador brasileiro remette do interior os seus produc-
« tos ao negociante portuguez ; mas quando pretende
« para seu filho um lugar de caixeiro, encontra-se face a

« face com uma negativa brusca e desabrida—os brasileiros
« não dão para o commercio, não se ageitam »

« Se um brasileiro consegue estabelecer-se com loja de
« retalho, o resultado quasi infallivel é a quebra ; porque
« não acha negociantes que lhe abonem as suas letras e obri-
« gações, que lhe dêem o minimo auxilio, e encontra n'outros
« logistas outros tantos rivaes combinados entre si »

O ESTANDARTE em o.n. 89 publicou o seguinte periodo. —
« Ao lado porém d'esses pacificos habitantes e irmãos nossos,
« ha uma cabilda infame, indigna do nome portuguez ; um
« numero isolado com gazeta propria, chefes, agentes e sol-
« dados que, deslembada dos nossos favores e agasalho, in-
« sulta a população, quer dominar a provincia, semeia a dis-
« cordia e a intriga, ataca a segurança individual, com o pu-
« nhal e o bacamarte, e, ufana, revê-se e pavoneia-se nos
« males por ella adrede e calculadamente causados. »

Nos insultos com que em alguns d'estes escriptos são os portuguezes mimoseados, tenho eu a minha quota ; tomarei pois hoje a penna para me defender e aos meus ; e o faço sem a minima tenção de atacar os orgãos das diversas parcialidades politicas.

Principiarei por dizer que quasi todas as accusações, que actualmente se nos fazem, são lugares communs desde trinta annos, com mais ou menos acrimonia, todos os dias repitados em todo o imperio, e que continuarão a sel-o, em quanto a mesma causa permanecer. Esta causa está na grande ancia com que os partidos buseam os triumphos electoraes, por ser este o melhor meio de conquistar honras e empregos, e de esmagar os contrarios.

Para isto se conseguir mui concorre a popularidade ; mas esta, assim no Brasil, como em toda a parte, consegue-se es-

pecialmente adulando as classes populares. • Ora, todos os que se põe á testa dos partidos brasileiros, sabem que a melhor maneira de ganhar a popularidade é declamar contra os portuguezes, recordando a essas classes a antiga dominação portugueza, persuadindo-as que querem de novo impor-lh'a, destruir a independencia do paiz, e outras iguaes babuzeiras que a população, sempre credula, toma por verdades incontesteis. Com essa mira se vai sempre entretendo a desconfiança e o odio contra os lusitanos, pondo-se n'isto tanto zelo, como no temp'lo de Vesta se punha em alimentar o fogo sagrado.

Sendo esta a principal causa do mal, como ninguem de boa fé negará, já se vê que baldado será o empenho que eu puzer n'esta defeza. Ella não terminará os insultos, nem fará com que, se chegarem no paiz a renovar-se as scenas que ultimamente ensanguentaram Pernambuco, os portuguezes não sejam assassinados; mas ao menos saber-se-ha por esse mundo, onde esta justificação chegar, que a generalidade dos portuguezes, como gente a mais pacifica do mundo, não merece o injusto tratamento que aqui se lhe dá. Achar-se-ha seguramente que sou fraco athleta para, em terra estranha, me pôr peito a peito contra tantos inimigos, e eu concordo n'isso; mas entendo que quem do seu lado tem a razão e a justiça, não deve acobardar-se, nem contar os seus adversarios.

Pensa o Argos que os portuguezes que habitam o Brasil, com rarissimas e honrosas excepções, são o refugo, as fezes, tudo quanto de mais impuro encerra a sociedade portugueza; e afirma que os antepassados dos brasileiros são os caboclos, os pretos africanos, e os labregos portuguezes, ou aquelle refugo, aquellas fezes. Bem podia o Argos temer que alguém lhe

applicasse o texto sagrado — TAL ARVORE, TAL FRUTO,— mas eu não quero retribuir com invectivas.

Escolha pois os ARGOS para si a ascendencia que lhe agradecer. Essa ascendencia a mim é indifferente ; até por não ignorar, como elle, que cada um póde ser o primeiro da sua familia, como Napoleão de si dizia.

O que sei é que não sou, nem a portuguez algum convém ser dos seus exceptuados. Estes são sem duvida os que elle julga que defendem as doutrinas que propala, ou que pelo menos sympathisam com ellas ; mas a esses, denomina o ESTANDARTE cabilda infame, grupo isolado que insulta a população, que quer dominar a provincia, que ataca a segurança individual com o punhal, bacamarte, &c., &c. Ora eu não estou resolvido a ser cabilda, nem fezes.

Seria de grande conveniencia que os illustres campeões dos diversos partidos de commum accordo definissem o que n'este paiz se deve entender por honra e virtude, traçando bem claramente aos portuguezes a posição em que se devem collocar, para que as rarissimas excepções do ARGOS, não sejam a cabilda infame do ESTANDARTE, nem os escolhidos d'este, o refugio, as fezes, a gente má d'aquelle.

Em quanto isto se não fizer, elles não terão remedio se não continuar a sua tabella por onde cada um busque triumphar nas lides eleitoraes.

O abbade de Sieyes dizia na assembléa constituinte : « Quereis ser livres, e não sabeis ser justos ». Meditem os escriptores políticos, que nos agridem com accusações vagas e infundadas n'esta censura, e conhecerão que a verdadeira liberdade não póde subsistir sem que a boa moral lhe sirva de base. Mas será boa moral azedar incessantemente, sem motivo algum, as paixões populares contra estrangeiros, mu-

tos dos quaes são parentes dos mesmos que os insultam, os maridos de suas irmans, os pais de não poucos dos seus compatriotas? Será boa moral injuriar e comprometter a segurança do estrangeiro que trabalha, e que em geral, deixa no paiz e a brasileiros, o producto do seu trabalho? Será boa moral accusar todos os portuguezes pelos crimes de alguns, como se os bons fossem solidarios do procedimento dos máos? Será digno do homem generoso atacar o estrangeiro, só porque pertence a uma nação que não conta duzentos navios de guerra para defendel-a? Emfim, será digno do homem generoso e de coragem desfeitear a cada instante o estrangeiro inermes e pacifico? Mas todo o homem honrado entende como Camões que

“ É fraqueza entre ovelhas ser leão. ”

Talvez nos clamem, como de outras vezes, que se nos não serve este tratamento, nos retiremos. Mas semelhante resposta que optimamente quadra á MALAGUETA, á VOZ DO BACANGA, e a outros iguaes papeluchos, não seria digna de cavalheiros que pretendem ser os grandes archotes da civilização da sua terra, e regular-lhe os destinos. Um paiz quasi despovoado, que á custa de enormes sacrificios manda frequentemente vir colonos da Europa, sujeitando-se a perder as sommas n'isso despendidas, como já lhes tem acontecido, não póde, sem perder o siso, dizer a homens que nada lhes custam, e que para o thesouro pagam importantes contribuições, ide-vos embora, se não quereis que injustamente vos ultrajemos.

Mas, ainda prescindindo da necessidade de não diminuir a população e as riquezas, para não succeder ao Brasil, como no seculo xiv aconteceu a Portugal com a emigração dos

judeus, a vossa politica mesmo aconselha-vos a que não expulseis os portuguezes. Se elles se retirassem, aonde irieis achar combustivel para accender os animos da plebe? Contra inglezes e francezes bem sabeis que não se falla com tanta liberdade: viriam ahi por nada visitar-vos algumas náos francezas e inglezas, como ainda ha pouco visitaram o Tibre e Porto Pireo.

Os individuos das outras nações, ao menos cá para o norte, são tão raros, que não dariam materia para meia duzia de columnas.

Quer o ARGOS que a quasi totalidade dos portuguezes emigrados para o Brasil pertença á classe mais pobre e ignorante, isto é, ao que elle chama o refugo, as fezes da nação; e com tudo a pobreza e a ignorancia nunca foram synonymos de refugo e de fezes.

Por fezes de uma nação entendo eu a sua parte mais depravada; aquella porção em cujo patrimonio commumente entra a ignorancia, mas ignorancia acompanhada dos mais asquerosos vicios e crimes. Homens ha que são fezes de uma nação, hem que não sejam ignorantes; mas a labregada, a parte mais util de cada povo, a que lavra e cava para os nobres, para os sabios, para os militares e para outros comerem, hem que ignorante, não merece tão ignominioso epitheto.

Se o nascer para lavrar e cavar, isto é, para labrego, basta para ser fezes da sociedade, as nações são especialmente compostas de fezes; e mais preciosas são estas, do que a parte san. Poder-se-ia viver sem nobres, sabios, gazeteiros, doutores, &c., &c.; mas não se vive sem agricultura, industria e commercio; e bem se sabe que aquellas classes não sulcam os campos, não fazem soar a bigorna, não cavam

minas nem marinham os navios. O Brasil não podia desconhecer esta verdade ; e tanto a reconhece que se esforça por importar da Allemanha muitos labregos. Creio que o ARGOS acreditará que entre os colonos allemães não vêm os homens ricos, sabios ou nobres. O que vêm é gente bôa e má, a mais estúpida, assim como a mais pobre ; quero dizer os labregos, ou a gente de que este paiz mais carece.

Se o imperio tivesse bastantes d'estas fezes, escusaria de as mandar buscar á custa de muito dinheiro ; escusaria de comprar soldados em terra estranha ; teria marinhagem para a sua marinha de guerra e mercante, e ha muito que ter.a acabado com a servidão. Eu sei que o interior do Brasil possui alguns braços que podiam trabalhar ; mas de que serve isso se elles aborrecem o trabalho, ou d'elle não carecem para viver ?

Rapazes nascidos longe dos principaes focos da corrupção, as cidades, creados ao pé da rabiça do arado, e da enxada, precisando de trabalhar para ganhar o pão quotidiano desde que souberam andar ; rapazes que não tiveram tempo, nem meios de se desmoralisar, geralmente fallando, são os que Portugal, apezar seu, exporta para o Brasil, e os que este mais devêra apreciar. Costumados desde o nascer ás privações, desconhecendo todas as superfluidades, apenas commecam a adquirir, tambem commecam a economisar. Os fructos do seu trabalho e economia cedo principiam a luzir na casa que compram, ou edificam. D'ahi a terem descendencia legitima ou illegitima, que lhes herde os bens, não vai muito ; e assim quasi todo o suor d'estes homens despende-se a favor dos brasileiros. Se achaes que minto, interrogai o passado e o presente.

Não destroe o que acabo de escrever a volta ao seu paiz

natal de alguns adoptivos ou portuguezes ricos, com os seus cabedaes. Esses homens, salvas pouquissimas excepções, retiram-se porque os obrigam. Chegados ao Brasil na adolescencia, ou antes d'ella, tendo adquirido n'elle tudo o que possuem, assim como affeições e habitos, pela maior parte não conhecendo ninguem na terra em que nasceram, se esses homens se mudam não é por seu gosto. Como porém não são insensíveis aos insultos, e temem que a população, exaltada pelos partidos, realise as suas ameaças, o que, como se sabe, não é caso virgem, tratam de ir gozar as suas riquezas aonde ninguem os moleste. Reparai bem que é sempre nas proximidades das grandes crises, e durante ellas, que estas emigrações se tornam mais numerosas. São pois as revoltas, e os excessos, inherentes a ellas, quem d'este paiz tem afugentado capitaes, que de outro modo se teriam empregado n'essas emprezas que ao corpo social dão vida e alento. É notorio que em toda a parte os capitalistas são mui medrosos, e que apenas lá no horisonte politico assoma algum indicio de tormenta, fecham os cofres, e fogem. Cumpre com tudo lembrar que os portuguezes ricos, que abandonam o Brasil para sempre, são apenas excepções; em quanto os outros estrangeiros, apezar de mais respeitados, só por excepção ficam n'elle. Olhai para o Maranhão.

É pois com a maior injustiça que o ARGOS declama contra os portuguezes, e a todos chama de refugo. Esses portuguezes em geral, sahiram das classes mais ignorantes e pobres da nação; mas não das mais desmoralizadas e corrompidas. Quando a virtude se vê corrida e açoutada pelos vicios das grandes povoações, refugia-se nos campos; é no cazebre do pobre, onde, quem a buscar, mais facilmente a encontrará do que na casa do nobre e do rico. Com isto não quero dizer

que não haja muita gente rica e nobre honradíssima, nem que nos campos tudo seja proibidade.

Perguntai aos americanos inglezes se chamam refugio e fezes a esses milhares de miseraveis que da Irlanda e de toda a Europa annualmente vão buscar asylo e trabalho nos Estados-Unidos? Responder-vos-hão que de bôamente receberão quantas fezes d'essa qualidade quizerem ir fertilisar o seu solo, e fallar-vos-hão a verdade; porque essas fezes fazem-lh'o medrar espantosamente e a ponto de talvez um dia ameaçar a independencia dos outros estados americanos que não sabem adquirir-as e conserval-as.

Talvez digaes que os que emigram para os Estados-Unidos se entregam á vida agricola, arroteiam os campos e dão á agricultura grande incremento, emquanto que os portuguezes no Brasil, sómente se dedicam ao commercio; mas n'este caso tambem deveis dizer as causas da differença. O europeu, que vai viver nos Estados-Unidos, dá-se ao commercio ou á cultura da terra, conforme as vantagens que um ou outro meio de vida lhe offerece. Se nasceu em paiz frio, acha-se em outro paiz frio, onde encontra braços livres que o ajudem a revolver a terra sem n'isso despender grande cabedal. Além d'isto, trabalha com segurança, ou sem ver a cada instante ameaçada a sua vida e a sua propriedade. Emfim, ninguem o insulta, e todos o protegem. Mas por ventura é esta a posição do trabalhador portuguez quando aqui aporta? Certamente não. Esse trabalhador logo sabe que extremamente convém á sua segurança não se afastar do littoral, ou dos grandes rios; e eis ahi já uma causa de grande peso para preferir o commercio a toda outra profissão. Supponha-se porém que elle encara com resignação e ousadia os perigos do sertão; com que meios ahi

levantará um estabelecimento de lavoura? Para isso é mister possuir terras e braços; mas elle não tem meios para comprar nem uma nem outra cousa. Forçoso lhe é consequentemente seguir a profissão mais apropriada ás suas circumstancias, e eil-o no commercio, onde, para principiar, lhe basta fazer-se caixeiro. Todos os brasileiros sabem quão custosa é na sua terra a vida agricola, e as grandes sommas que exige qualquer fazendinha. O homem, que para roçar, semear e colher não contar senão com seus braços, talvez arranje farinha e arroz para todos os dias, mas nunca d'ahi passará; e cm tudo, todo o estrangeiro aspira a mais do que isso. Em summa, elle sempre no Brasil preferirá a vida commercial á do lavrador, emquanto aquella lhe offerecer menos obstaculos e riscos, além de mais vantagens. Removei esses obstaculos, esses riseos, essas desvantagens, e a agricultura prosperará.

O Argos, a quem nada esquece, para provar quanto são immundas e inconvenientes as fezes que Portugal aqui despeja, sustenta que os portuguezes são ignorantes, que trazem consigo todos os elementos de opposição ás idéas do progresso e da liberdade; emfim, que são os fautores da tyrannia. Mas tem elle motivo para fal'ar assim?

A grande maioria dos labregos, na idade em que deixa as suas aldéas, não traz nenhuma idéa politica. No seu espirito podem, como n'um livro em branco, estampar-se idéas boas ou más, conforme as circumstancias. Saiba porém o Argos que uma lei natural, a primeira de todas, uma lei que os homens podem transgredir, mas não mudar, logo os move a desejar o triumpho do lado que elle hostilisa, o do governo; e cuido que n'isso os seus desejos conformam-se com o dever, e até com as opiniões do Argos. Se o es-

trangeiro não deve ingerir-se na politica interna, cumpre-lhe comtudo sempre obedecer ao governo estabelecido, seja qual fór a sua politica.

Note porém o ARGOS que quasi todos os portuguezes de opiniões democraticas, apenas chegam ao territorio brasileiro, senão as mudam, pelo menos modificam-as. E quem os move a isso? O instincto da conservação. Elles não tardam a saber que as aggressões mais violentas contra os lusitanos partem do lado, cuja politica esposam os redactores d'aquella gazeta, e então vêem-se precisados a adoptar doutrinas mais moderadas. Quando a conservação da vida de um homem, ou mesmo a da tranquillidade, entram em conflicto com as suas opiniões politicas, quasi sempre estas cedem.

Não falta comtudo aos partidos politicos um optimo meio de nem nos desejos terem os portuguezes por inimigos. Não os acarretem tão injustamente para as suas discussões; deixem-os trabalhar livremente; não accusem, salvo os que infringirem as leis, e então creio que nem nos desejos haverá para elles Tyrios nem Troianos. Mas se apesar d'isso, apparecer algum desmolado que tolamente vá intrometter-se nas politicas dissenções dos brasileiros, mandem estes amarral-o no pelourinho, cuspiam-lhe na face, e façam-lhe ainda peor, porque de alguma sorte o merecerá.

Não findarei este topico da defeza sem ao ARGOS observar que ainda quando fóra certo que os campos de Portugal não produzissem senão plantas nocivas á liberdade e fautoras da tyrannia, nos da terra de Santa Cruz tambem essa planta nunca foi, nem ainda hoje é exotica. Diversos brasileiros dos mais distinctos que vi em Portugal não sómente se mostravam implacave's inimigos das republicas, senão ainda dos

governos monarchicos constitucionaes. Para exemplo, só lembro um intendente geral da policia, nascido n' esta provincia, que não nomeio por não querer inquietar as cinzas dos mortos. Agora mesmo entre os redactores da NAÇÃO conta-se o Sr. Bruschi, nascido, segundo ouço, no Rio de Janeiro ; e todavia aquella gazeta é o orgam do partido LEGITIMISTA. Não pense porém o ARGOS que leve eu a mal, eu que professo opiniões politicas mui diversas das da NAÇÃO, o Sr. Bruschi escrever gazetas na sua patria adoptiva, ainda quando essas gazetas só defendam o antigo regimen. Pelo contrario, tenho por mui nobres e generosos os sentimentos do homem que, sem nenhum interesse, pugna por uma realeza proscripta ha 16 annos ; e tomára eu que outros brasileiros, d'esses que como o Sr. Bruschi, honram a patria que adoptam, fossem para Portugal, embora todos escrevessem a favor da legitimidade. O mundo velho deve ao mundo novo dar lições de tolerancia.

Affirma o ARGOS que os portuguezes residentes no Brasil são mui ridiculamente arrogantes a respeito da ultima classe do povo brasileiro, que geralmente é de outra côr (em tudo os collaboradores d'aquelle periodico manifestam a BENEVOLA tenção de tornar a gente de côr propicia á si e aos seus á nossa custa) ; mas affirma aquillo em que provavelmente não crê.

O ARGOS ao lêr isto talvez clamará que estou devassando o santuario da sua consciencia ; mas quando o homem não vê porque não quer vêr, quando finge desconhecer os factos para affirmar o contrario do que elles significam, não póde estranhar que se entre na sua consciencia. Ora os factos provam o contrario do que diz a gazeta a que respondo.

Percorr. m os redactores do ARGOS as officinas de ferreiro,

sapateiro, alfaiate, carpinteiro, marceneiro ou quaesquer outras, e lá acharão muitissimos portuguezes trabalhando no meio da gente de côr, ao passo que nenhuns, ou bem raros brasileiros, ahi toparão. Percorram as quitandas, e ainda ahi encontrarão bastantes portuguezes, que quasi sómente vivem com a ultima classe : e se o *Argos* averiguar bem, até por essas casas achará não poucos portuguezes cercados de filhos, mesmo legitimos, que pelo lado materno pertencem á raça africana. Logo os portuguezes não mereciam que os accusassem de arrogantes para com esta raça.

Quando porém semelhante arrogancia fôra real, não eram os redactores do *Argos* mui competentes para esta censura. Bem que nas suas columnas elles se arvorem em patronos officiosos da ultima classe, aonde estão os factos que demonstram ser sincero esse zelo ? Os redactores a que alludo fazem tanto cabedal d'essa classe que, penso eu, nunca fizeram serviço em nenhum corpo da guarda nacional. E porque ? Suspeito que é por não terem ainda dragonas, que os livrem de entrar na fileira com esses a quem tanto incensam. Esta suspeita póde ser mal fundada, mas como tenho ouvido a diversos allegar esse motivo de não vestirem a farda, não admirará que por uns eu julgue os outros.

Os redactores do *Argos* não devem levar a mal que para repellar a sua accusação tão infundada, quão offensiva, eu me valha do facto de não terem elles servido na guarda nacional. Nada me importa que sirvam ou não ; mas importa-me a defesa de que trato, cujos direitos são mui amplos. Eu precisava fazer vêr que a tal arrogancia não existe ; que o *Argos* attribuindo-a aos portuguezes injuria-os ; e que o zelo dos seus redactores não parece verdadeiro, visto que

como elles, se não aborrecem a ultima classe, pelo menos fogem de servir e viver com ella.

A melhor prova de ser amigo do povo é fallar-lhe verdade nua e crúa, é ensinal-o a obedecer ás leis e a ter amor ao trabalho. Indispol-o e excital-o contra o estrangeiro pacifico que, em vez de o prejudicar, antes lhe serve de estímulo para o mover a trabalhar, é trahir a causa do povo, é aborrecel-o e ser seu inimigo. Seme'hante politica chama-se antecocial, chama-se de retrocesso, e não a creio digna dos cavalleiros, a cujo cargo está a redacção do ARGOS, os quaes se quizerem usar melhor dos recursos que lhes ministra a sua intelligencia, bem podem, sem descer a taes miserias, advogar a causa do partido a que se ligaram.

O ARGOS tambem accusa os portuguezes de se ingerirem nas contendas politicas do seu paiz ; assim como de no Pará, em Caxias e Pernambuco terem-se organizado militarmente, e combatido nas fileiras do governo contra o que elle chama COHORTES POPULARES E EXERCITOS NACIONAES ; mas o que n'esta accusação ha de verdade, antes me parece digno de louvor do que de vituperio.

É falso que no Pará durante a Vinagrada, ou em qualquer outra época, existissem portuguezes militarmente organisados a combater nas fileiras do governo ; creio que em Caxias, durante a desordem de 1839 a 1840, alguns serviram nos corpos do paiz ; mas tambem tenho por falso que em Pernambuco houvesse os armamentos de que falla o ARGOS. O que sei com muita certeza é que, autorizado pelo governo central e provincial, a cuja testa se achava então o actual ministro da guerra, mandou formar aqui um batalhão de compatriotas meus (esqueceria ao ARGOS este horrendo crime?), o qual não combateu contra a Balaiada,

porque felizmente não foi necessario. Supponhamos porém que fossem verdadeiros os armamentos censurados por aquella gazeta ; por ventura significava isso que os portuguezes se intromettiam na politica dos brasileiros ? Nenhum homem desapaixonado ha de pensar como o ARGOS, sabendo as causas que podiam dar lugar a semelhantes armamentos.

Eu desafio os Srs. do ARGOS para me responderem á seguinte pergunta. Imaginem-se em Lisboa, e que as suas vidas e propriedades eram ahi acommettidas por uma plebe allucinada e infrene, a qual por seus actos ridicularisasse e profanasse o santo nome da liberdade, que indecentemente invocasse ; imaginem que para escapar aos loucos furores d'essa populaça, lhes convinha unir-se ás tropas que o governo enviasse para restabelecer a tranquillidade: recusariam aceitar as armas que para isso se lhes offerecessem ? Deixar-se-hião, com os braços cruzados, ferozmente assassinar para não perturbar a populaça na mui PATRIOTICA empreza de regenerar o paiz pelo roubo e assassinato ? Tenho por mui cavalheiros os redactores a quem fallo, para crer que me respondam negativamente. Ainda vou mais longe : a modo que lhes estou ouvindo dizer que, realisada a hypothese, se tivessem polvora e bala não esperariam o consento do governo para com a força repellir a força ; e obrariam com acerto ; porque, em taes casos, a lei primeira é a da conservação ; e mais vale morrer corajosamente com as armas na mão, do que como covarde. Mas o que a elles seria licito em terra alheia, sêl-o-ha aqui vedado aos portuguezes ?

Se não entendo mal o ARGOS, elle chama progressistas ao Vinagre e Balaio, parecendo assim dar a entender que na sua politica, assassinar, roubar e destruir, as unicas cousas

que fizeram os EXERCITOS NACIONAES commandados por aquellos homens, significam progresso e patriotismo ; como porém não é crível que elle quizesse dizer isto, não lhe respondi, o que podia fazer sem questionar sobre politica, porque aquellos factos já entraram no dominio da historia, e a todo o mundo compete fallar n'elles e moralisal-os.

Ao meu proposito basta aqui declarar que a Vinagrada e a Balaiada estão ainda na memoria de todos, unicamente pelos males e crimes que causaram, e que não foi o governo que mandou perpetrar esses crimes. Alguns scelerados, o REFUGO E AS FEZES da sociedade brasileira, foram os que, sob pretextos politicos e do bem do paiz, o véo com que muitas das mais torpes paixões costumam disfarçar-se, conduziram a incauta populaça a commetter horrores, que as autoridades, por frouxidão ou por falta de forças, tranquillamente presenciaram, quando d'elles não foram victimas, como o presidente e commandante das armas do Pará. Deveria pois um estrangeiro, em tão infaustos dias, recusar uma arma, com o auxilio da qual podesse salvar-se, bem como a sua mulher e seus filhos ? Senhores do Argos, por honra vossa e do vosso partido, fazei com que fóra do paiz ninguem saiba que existem n'elle gazetas, as quaes exigem que o estrangeiro se deixe humildemente assassinar e a sua familia, pelas HONRADAS COHORTES, ou pelas COLUMNAS POPULARES dos Vinagres, Balaies e Raymundos Gomes, isto é, por homens sem pensamento algum politico, e cujos nomes por si sós deshonrariam o partido em que entrassem. Desgraçada a nação, que por columnas populares só tivesse gente igual á que em 1839 destruiu Caxias ! ! . . .

Sem receio de ser desmentido, eu posso asseverar que ha muitos annos não existe n'esta capital um portuguez que

d'recta ou indirectamente se metta na politica dos partidos, seja qual fór a politica d'estes. E o mesmo que aqui succede, acontece por toda a provincia ou antes por todo o imperio, com uma ou outra excepção, sempre inevitavel entre tantos individuos de uma nação, e muito mais entre os de uma nação nas circumstancias em que os portuguezes estão para com os brasileiros.

Haverá lá por fóra alguns filhos de Portugal tão entrelaçados com a gente de um ou outro partido, pelos laços de sangue ou de amizade, que nem sempre possam escuzar-se a influir sobre os seus correspondentes para se votar em tal ou tal candidato para deputado ou senador ; mas aonde aqui o crime ? Em nenhum paiz constitucional essa influencia indirecta se chama delicto ; mas quando o Brasil por tal o capitulasse, permittiria a justiça que pelo crime de um ou de meia duzia, respondessem todos os individuos da mesma nação ? Ao contrario devêra-se pensar que a qualidade de estrangeiro não derroga as obrigações de parente ou amigo ; e por consequencia, nunca se deveria reputar crime contra a nacionalidade de um paiz — o lançar mão dos meios licitos afim de alcançar para um parente ou para um amigo meia duzia de votos.

Quero ainda conceder que haja por ahi alguns portuguezes que entre os seus amigos ou conhecidos fallem na politica do paiz, ou mesmo a discutam, quando d'ella lhes pôde resultar bem ou mal : mas o que tem isso ? Acaso pertence ao ARGOS, o campeão da liberdade e do progresso, censurar e estorvar que alguém, seja nacional ou estrangeiro, na sua casa, ou entre amigos, falle e pense como quizer e no que quizer ? Não queira o ARGOS parecer-se com a SANTA inquisição, que proclamava uma religião de paz, e fazia guerra

cruel a todos os que julgavam ter liberdade para adorar a Deus a seu geito.

E de mais, são por ventura os brasileiros nos outros paizes tão calados e tão alheios á politica como o ARGOS FINGE querer que os portuguezes o sejam aqui? Eu d'igo, finge, por se me figurar que elle estigmatiza a supposta interferencia dos portuguezes na politica, unicamente por não ser essa interferencia só em favor do seu partido. Se elles no Pará, em Caxias e Pernambuco, em vez de se conservarem imparciaes ou de combaterem (segundo elle diz), pelo governo, se tivessem alistado nas fileiras contrariás; se tivessem ajudado a destruir o governo estabelecido e a derribar os OPPRESSORES DO POVO que o sustentavam, isto é, se tivessem ajudado a riscar o Brasil da lista das nações, então, apesar de não deverem os estrangeiros ingerir-se na politica interna, certamente os portuguezes teriam merecido a sua approvação, e deixado de ser o refugio, as fezes de sua nação, e os fautores da tyrannia; comtudo, n'esse caso, a **CABILDA DO ESTANDARTE** com razão passaria de grupo isolado a ser maior do que o exercito com que Napoleão invadiu a **Russia**.

Nas contestações politicas que posteriormente á independencia do Brasil tem dilacerado Portugal, os brasileiros ahi residentes poucas vezes se conservaram mudos espectadores.

Em horas bem criticas, eu os vi comigo nas fileiras da liberdade constitucional, e por isso aqui lhes dou os meus agradecimentos. E note-se que a sua cooperação era puramente espontanea, e de nenhuma sorte exigida nem pelos governos, nem pelos acontecimentos. Formando-se em Coimbra, no anno de 1826, um batalhão de academicos para ir combater os inimigos da carta outorgada por D. Pedro,

muítos brasileiros de seu motu proprio se alistaram n'elle, acompanharam-o até Vizeu, d'onde regressou, e assim como os outros, correram não pequeno risco de perderem o anno, por não querer o ministro do reino então, homem totalmente avesso á formação do corpo academico, que se lhes abonasse as faltas que deram para nos ajudar a conquistar a liberdade, contra a qual nunca no Brasil independente se levantou uma voz portugueza.

Em 1828, quando no Porto rebentou a revolução contra D. Miguel, novamente se formou em Coimbra um corpo de academicos, e a generalidade dos mancebos que o Brasil ahi trazia entrou n'elle, emigrando depois para a Galiza, e para a Gran-Bretanha, d'onde a final regressou aos patrios lares. Para este corpo concorreu a provincia do Maranhão com o seu contingente. Não pense porém o ARGOS que D. Miguel não contasse n'essa mesma occasião nenhuns filhos d'este paiz nas suas fileiras : alguns teve ; e quer-me parecer que n'este numero entraram dous cidadãos que ha annos lá no Rio tem nos negccios publicos figurado com muita honra e distincção : erão os Srs. D. Manoel de Ass's Mascarenhas e D. José de Assis Mascarenhas ; quero dizer, os dous mais esturrados m'guelistas que frequentavam a Universidade. Ainda me parece que os estou vendo, com os seus enormes laços azues e encarnados pregados no peito, disputar com extraordinario calor nas questões d'esse tempo ; e comtudo, só no Brasil é que vim a saber que eram brasileiros ; tão pouco empenho se põe lá em Portugal em averiguar a nacionalidade d'aquelles mesmos que mais se engolfam na politica.

Na guerra de 1832 a 1834, ainda diversos brasileiros serviram no exercito constitucional ; e cuido (valha a verdade) que na revo'ta da Maria da Fonte, e por ambas as

parcialidades, pelejaram brasileiros ; compare agora o ARGOS a indole dos dous povos. Em Portugal nunca partido algum pronunciou uma palavra offensiva contra os brasileiros, ainda quando estes se armavam contra o governo estabelecido (a este respeito invoco o proprio testemunho de um dos redactores do ARGOS, e de quantos dos seus conterraneos redactores e não redactores ahi ha que tenham estado na minha patria) ; e aqui, até o ARGOS, que se incu'ca como um dos apóstolos, como um dos pharóes da liberdade e do progresso, acoima os portuguezes, não por terem, apezar do que diz, combatido por este ou por aquelle partido, se não por se haverem armado contra os que lhes ameaçavam as vidas e as propriedades. Nunca se vio progresso menos civilizador, nem mais retrogrado. LA CONSCIENCE EST LA LOI DES LOIS, como diz Lamartine.

Reflectam ainda os redactores do ARGOS na seguinte circumstancia, que é digna de ser meditada. Aquelles dos seus patricios, que mais gritam contra a MARINHEIRADA, que mais crimes lhe assacam, e que mais affectam despresal-a, não duvidam nos seus apuros ir viver em Portugal; e o povo portuguez leva a generosidade a ponto de não proferir uma palavra de vituperio, ainda contra os que, como o Dr. Peixoto de Brito, concorreram para a desgraça de seus patricios. O ARGOS, sabendo (e sabe-o muito bem) como em Lisboa é tratado aquelle seu partidario, que ahi entrára FUGIDO EM NAVIO PORTUGUEZ (a); quero dizer, fugido pelo auxilio dos mesmos a quem acabava de offender, devia ser mais cavalheiro e menos ingrato para a gente portugueza. Cuida elle que fica airoso ao seu partido o estar de conti-

(a) Embarcou a 18 de Março de 1849 no brigue portuguez EMPREZA.

nuo cuspiendo na face dos parentes d'esses mesmos que lhe estão agasalhando o correligionario? Se não fôra aquelle navio, o Sr. Peixoto de Brito, em vez de mui tranquillamente passear nas ruas lisbonenses, talvez que na ilha de Fernando estivesse penando com os consocios.

Pela minha parte folgo com o generoso acolhimento que em Lisboa recebeu aquelle senhor, e a elle mesmo mui do coração agradeço ir morar em terra portugueza, por ser este o mais solemne desmentido que podiam ter as injustas e calumniosas arguições aos portuguezes, feitas pelo partido a que elle e o ARGOS pertencem.

Os portuguezes não podem ser tão máos, como para seus fins, nas suas proclamações e nos seus papeis officiaes, os traziam os oito deputados que capitaneavam a ultima revolta de Pernambuco; aliás nunca aquelle brasileiro se deshonraria indo viver entre elles (a). Oxalá que algum dia não se vejam os redactores do ARGOS na collisão de, contra seu gosto, visitar a terra dos LABREGOS, DOS FAUTORES DA TYRANNIA, em fim, da GENTE DA INSIGNE MÁ FÉ!

(a) Eis ahi uma amostra. Na proclamação publicada em Dezembro de 1848 pelos oito deputados, e por todos elles assignada, encontram-se as seguintes expressões: — “ Amigos! O lugar onde estivermos será o ponto da reunião... D'ahi marcharemos sobre os diferentes pontos occupados pelas hordas do presidente, até libertarmos esta capital, testemunha das infamias da quadrilha luso-guabirú, e victima das suas atrocidades! Pernambucanos! Ás armas, e salvemos a nossa bella provincia das garras d'essa infame quadrilha... ” Veja-se a Chronica da Rebelião Praieira no cap. 4, pag. 308. E segundo se infere do documento n. 43 d'esta Chronica o Sr. Peixoto de Brito, quando no engenho Pão Amarello, depois da retirada de Goyana, mui de sangue frio ahi mandou assassinar um brasileiro adoptivo, que era sargento do batalhão provisório d'aquella cidade. O infeliz, percebendo as tenções do commandante dos revoltosos, supplicou-lhe misericórdia; porém elle respondeu — que o MARINHEIRO não se devia metter em contendas de brasileiros, e que a todos os que se mettessem se lhes devia cortar as cabeças. — D'ahi a nada, o sargento jazia morto no matto, com dous tiros e muitas facadas.

Se isto lhes acontecer, levem a sua gazeta para, á vista d'ella, compararem a sua urbanidade com a do povo que aqui ultrajam nas pessoas de seus filhos. Os Srs. do ARGOS bem sabem que não tem fallado de um ou outro portuguez, se não de todos os que habitam o Brasil, com RARISSIMAS excepções.

Fallando dos portuguezes que se intromettem na politica brasileira, tambem o ESTANDARTE, como se vê no excerpto que do seu n. 89 fica feito, fulminou todos os raios da sua ira contra um grupo isolado ou cabilda infame, que tem gazeta, chefes e soldados para dominar a provincia, &c., &c. Mas eu tomo a liberdade de perguntar aos redactores d'aquelle periodico — onde estão esses chefes, esses agentes e esses soldados?

SANTO BREVE DA MARCA! Isto, a ser verdade, deve assustar todos os bons brasileiros, e valia a pena requerer ao governo central uma divisão das do sul, para livrar a provincia de tamanha aggressão. Pelo menos a presidencia não deve dormir sobre o caso, e até conviria que os navios de guerra se conservassem de mórões accesos. Eu mesmo, que já tenho horror a uma escorva, peço venia ao ESTANDARTE e ao ARGOS, que n'esta occasião, sem duvida, se hão de unir para salvar a patria, a fim de me admittirem nas suas fileiras. Desejo pespegar um balasio n'esse perfido grupo, cuja loucura nos acarreta tantos baldões.

Mas, senhores, como soubestes vós que um grupo isolado, ou, o que vale o mesmo, um grupo sem credito, nem influencia, aspirava ao dominio de uma provincia tão extensa como esta, e que é povoada por homens que não querem ser dominados?

Bem conheço que o grupo do ESTANDARTE é o gigante dos

grupos presentes, preteritos e futuros. É um grupo que, se lhe ajuntassem artilharia e cavallaria, logo ficaria metamorphoseado n'um exercito com gazeta, no que nada haveria que extranhar : e como a todo o exercito são as façanhas mui naturaes, optimamente assentaria ao grupo-exercito uma gazeta, que por toda a parte espalhasse a Iliada que lh'as cantasse.

Mas é Deos servido que o tal grupo, com gazeta, chefes, agentes, soldados, punhaes e bacamartes para dominar e assassinar, só existe na imaginação de quem escreveu o trecho a que respondo, salvo, se pelas artes de algum perverso nigromante, elle é invisivel.

Se perguntássemos aos habitantes d'esta cidade quem são os homens do grupo isolado, e onde moram, elles ficariam tão embaraçados, como se lhes perguntassem pelo que se contém no Alcorão : e ninguem d'isso se deveria admirar, porque, ainda que todos os maranhenses por ahi andassem noite e dia com uma lanterna á cata do tal grupo, não lhe dariam na pista. Á vista d'isto, seria escusado quèrer a estes demonstrar a falsidade do que se escreveu no periodico a que me refiro : como porém lá por fóra se ficaria pelo menos em duvida, passo a refutal-o, declarando, se necessario é, que não tenho a minima tenção de offender, ainda que levemente, a nenhum dos redactores d'aquella gazeta, sejam elles quem forem ; assim como nunca a tive de offender os do ARGOS, nem a brasile'ro algum.

A todo o homem honrado cumpre defender a sua patria e os seus compatriotas. Eu sou portuguez, e prezo-me d'isso : quero portanto pugnar pela defeza d'ella e d'elles, e ninguem me póde levar isto a mal. Persuado-me que, se os brasileiros que viveram no meu paiz, ahi vissem de continuo

atassalhada a honra dos seus, como aqui tantas vezes o tem sido a dos portuguezes, bem poucos deixariam de se levantar, para com toda a força do seu pulmão, gritar contra tão barbaresco procedimento. Eu farei agora o mesmo; talvez não comece muito cedo, porém mais vale tarde do que nunca.

O grupo do ESTANDARTE não existe, disse eu, e accrescentarei que nem podia existir.

Para dominar uma provincia, e mesmo uma cidade, é indispensavel ter grande influencia, e avultados cabedaes. Mas que influencia podem ter estrangeiros que não dispoem, nem jámais poderão dispôr de um só atomo da autoridade publica? Quanto á influencia pecuniaria, essa é igualmente impossivel. Os portuguezes, actualmente residentes na provincia, na generalidade são pobres. Duvido que haja entre elles meia duzia de fortunas superiores a cem contos, e poucas mais se encontrarão de 30 a 60. Os outros portuguezes, salva uma ou outra excepção, todos são officiaes mechanicos que vivem dos seus salarios, ou logistas pouco abastados, cujos ganhos o maior luxo que lhes consentem é a posse de um cavallo. Ora, todas estas cathgorias, ainda que pdessem unir-se e associar-se para um fim, não eram capazes de emprehender a dominação nem da villa de Vinhaes, cuja população se recolhe em cinco ou seis duzias de palhoças. Como poderia então uma fracção insignificantissima, um grupo isolado, pensar em dominar a provincia? Não posso comprehender como homens de bem, representantes de um partido que domina, querem deshonorar-se, inventando assim contra estrangeiros pacificos crimes absolutamente impossiveis.

É certo que o ESTANDARTE, d' esta vez muito mais comedido do que o seu antagonista ARGCS, fallou sómente de uns poucos de portuguezes, e fez justiça aos outros; mas porque não de-

via ser justo para todos? Srs. do ESTANDARTE, vós encontrareis por ahi um ou outro portuguez criminoso; porém, que se metta na vossa politica, n'esta cidade difficilmente achareis algum.

A culpa pois que imputaes á gente portugueza é de pura invenção; mas apezar d'isto, vindo de periodico tão bem conceituado, não deixa de ser para temer. A plebe que não sabe, nem quer discernir, que tudo sem exame acredita, lendo as vossas expressões, tomal-as-ha por verdades evangelicas, e em cada portuguez que topar, cuidará vêr um do terrivel grupo que quer BACAMARTEAR e dominar; e eis ahi sempre nutrido contra todos esse odio vergonhoso e iniquo, que nos terriveis dias de anarchia já tem sido fatal a muitos. Todavia, a honra e a civilisação do Brasil não permitem que semelhante barbaridade continue; salvo se se entende que os filhos de Portugal são o carneiro do holocausto que cada partido ha de sacrificar ao idolo popular, quando para o triumpho das suas opiniões politicas lhe implorar auxilio.

A invenção do grupo isolado é absurda em tudo e por tudo. O partido do ESTANDARTE sempre tem occupado empregos e mais ou menos posições officiaes; conta por compart'darios muitas influencias ricas e poderosas de toda a provincia, e possui mil meios de vencer; comtudo, nem sempre tem conseguido dominal-a. Como então havia de aspirar a isso um grupo de caixeiros estrangeiros, pobres, corridos, injuriados e sem o menor prestigio? Se tal grupo no ridiculo não leva as lampas aos moinhos de vento do heróe de Cervantes, pelo menos parece-o.

O peor foi que o ESTANDARTE não se contentou com um grupo intrigante e ambicioso. A imaginação do seu collaborador, autor do artigo, até lhe figurou um grupo de scelera-

dos e assassinos de **bacamarte e punhal**, **QUE UFANO, REVÊ-SE E PAVONEA-SE NOS MALES POR ELLE ADREDE E CALCULADAMENTE CAUSADOS !**

Se alguma d'essas gazetas, cujo Deos e cuja politica é só o ventre, escrevesse isto, antes mereceria piedade, do que resposta. A fome deveria desculpal-a, e poucos ouvidos se offenderiam de lhe ouvir repetir aquelle verso de Juvenal

. . . . Quid enim salvis infamia numis ?

Mas fallar assim o **ESTANDARTE**, o orgam do partido governista n'esta provincia, em fim, um periodico redigido, segundo é fama, por cidadãos illustrados e conscienciosos ! . . . não era de esperar. O seu grupo, comtudo, faria arripiar os cabellos, mesmo ás pessoas sensatas, se não soubessem que todas aquellas **BONITAS** palavrinhas, com que lhe quiz desenhlar a **FEALDADE**, unicamente pintam um ser imaginario.

Tenha o **ESTANDARTE** a bondade de fazer extrahir dos archivos da policia, e publicar uma relação de todas as punhaladas e bacamartadas desde 1840 em toda a provincia, dadas ou mandadas dar por quaesquer portuguezes que n'ella residem, declarando os nomes dos culpados, e as causas de cada crime. Vêr-se-ha, se houver a'guns criminosos, que o seu numero não anda em nenhuma proporção com o dos meus compatriotas na mesma provincia residentes (a relação dos que n'ella tem morrido assassinados, ha de ser bem maior). E que admiração, què entre mais de cem mil portuguezes disseminados por todo o Brasil, appareçam uns poucos de criminosos ? O contrario fóra grande milagre, porém no globo em que vivemos, nunca se viram milagres d'essa ordem.

É verdade que, como o **ESTANDARTE** já em outro lugar fallou aos portuguezes no Antonio de Oliveira, eu suspeito de

que nos taes bacamartes e punhaes, elle allude a esse facinoroso. Se assim acontece, permitta que se lhe pergunte o que tem os portuguezes aqui residentes, com os crimes de um d'elles? Pois por ter apparecido um grande delicto attribuido a um filho de Portugal, segue-se que existe o tal grupo de assassinos? . . .

Est'outro dia um brasileiro adoptivo foi assassinado em sua casa por um dos seus filhos, a quem frequentemente dava correccões paternaes, exhortando-o a cumprir satisfatoriamente os deveres de guarda nacional. O monstro, depois de haver com o maior sangue frio dado um tiro no autor dos seus dias, acabou de matal-o ás coronhadas; mas elle não expirou sem denunciar o seu matador, que foi logo preso no meio das imprecações de sua mãe, de um irmão e dos visinhos.

No districto de Caxias, e por quasi todo esse sertão, os assassinatos repetem-se diariamente, como é notorio; mas o que diria o ESTANDARTE se eu escrevesse que no Maranhão existia um grupo de brasileiros assassinos e parricidas? Bradaria contra tamanha loucura ou insolencia, e teria carradas de razão.

Antonio de Oliveira é delinquente? Pois fazei-o punir; mas acabai com a barbaridade de estender aos seus compatriotas a ignominia resultante do seu delicto. Se os crimes individuaes deshonrassem todo um povo de estrellas abaixo, nenhum seria honrado. Quantos malfeitores, muito peiores do que o Antonio de Oliveira, não têm a Inglaterra e a França, quero dizer, as duas nações mais civilisadas do mundo? Consultai os MYSTERIOS DE PARIS E LONDRES, ou mesmo quaesquer gazetas inglezas e francezas, se tendes aquelles por obra de pura phantasia.

Já que fallei no Antonio de Oliveira, sem a ninguém dirigir censuras, aventurarei aqui, talvez mui deslocadamente, uma reflexão a que cada um dará o valor que quizer.

Posto que o parricídio seja um crime muito mais atroz do que o homicídio simples, o parricida de que acima fallei só teve a pena de galés, enquanto que Oliveira se acha condemnado á morte; podendo assim duvidar-se se no Brasil o segundo crime não é maior do que o primeiro. Dir-se-ha que as provas juridicas contra o parricida eram fracas? Mas, ou elle perpetrou o crime, ou não: se perpetrou, a pena era a ultima, por não terem lugar algumas circumstancias atenuantes; se não perpetrou, devia ser absolvido. Note-se porém que as provas contra Antonio de Oliveira, segundo contam diversos que assistiram á discussão do seu processo, são nenhuma. A consciencia publica, com a qual faço côro, crimina-o como o primeiro culpado na morte do infel'z Tullock; porém todo o Maranhão sabe que elle nada confessou, que não foi encontrado em casa d'aquelle inglez, que nenhuma testemunha o vio predispor a entrada dos seus complices n'essa casa, nem mandal-os; finalmente, que nenhum documento comprova o crime. Consequentemente, segundo o rigor da jurisprudencia criminal, não havia meio algum de plenamente o convencer em juizo. A consciencia leva Antonio de Oliveira ao patibulo; a lei arranca-lh'o.

Passando a outro topico da accusação, perguntarei ao ESTANDARTE qual é a gazeta do grupo isolado?

Mas agora me recordo que elle respondeu anticipadamente a esta pergunta, quando ha mezes fal'ou no PORTO FRANCO como de uma gazeta portugueza escripta em terra de brasileiros. Sendo porém o tal grupo composto de portuguezes, e

para estabelecer o predomínio portuguez na provincia, devia a sua gazeta advogar, não a causa dos brasileiros, senão a dos portuguezes engrupados, ou por engrupar; e comtudo, nunca no PORTO FRANCO appareceu uma expressão n'este sentido.

O PORTO FRANCO era propriedade de um portuguez completamente estranho á politica, pouco abastado, e que se matava com trabalho para honestamente sustentar sua mulher e cinco filhos, todos tão brasileiros como os redactores do ESTANDARTE. Este homem, pensando colher lucros de uma typographia, mandou-a vir; como porém aqui não se imprime senão gazetas, e elle não as tinha, ou não tinha sufficientes meios para conservar sempre occupados os compositores, imitando os proprietarios do PUBLICADOR MARANHENSE, CORREIO DE ANNUNCIOS e outros, tentou estabelecer um periodico, e achando algumas assignaturas, sahio á luz o PORTO FRANCO.

O dito proprietario, como todos sabem, não era homem de estudos; por isso nunca para elle escreveu uma linha, e limitava-se a fazer divu'gar as correspondencias que lhe enviavam, sem lhes indagar a côr politica. Succedia porém apparecerem-lhe unicamente correspondencias contrarias á politica do ESTANDARTE, e d'ahi nascia toda a antipathia d'este contra o PORTO FRANCO, a quem, julgando intimidado, denominava — gazeta portugueza, gazeta do grupo, baco marteiro, &c. Se não fallasse assim, só com o fito de o intimidar, poderia crêr-se que o ESTANDARTE tinha, como as crianças, medo do papão, e que o PORTO FRANCO era o seu papão.

Porém a bulha do ESTANDARTE ha de ainda maravilhar mais quando se souber que os seus redactores não ignoravam provirem de mãos brasileiras essas correspondencias que tanto os importunavam, como cada um poderá verificar,

examinando diversos dos seus anteriores numeros. O ESTANDARTE faria pois muito melhor se refutasse aquellas correspondencias, sem fallar em grupos, chefes, soldados, agentes, punhaes e bacamartes imaginarios.

Concluirei o que tinha a dizer ao ESTANDARTE com algumas observações sobre as suas palavrinhas do citado n. 89 — QUE DESLEMBRADO DOS NOSSOS FAVORES E AGAZALHO, INSULTA A POPULAÇÃO.

Se eu tivera á mão a colleção d'esta folha, mostraria não ser esta a primeira vez que semelhante censura apparece nas suas columnas. A differença estará unicamente na moderação do n. 89. Antecedentemente ella era geral para a quasi totalidade dos portuguezes ; agora foi contra os do grupo isolado. Mas não se pense que por ella mereça o ESTANDARTE privilegio de inventor. Tenho-a em diversos annos visto reproduzida em varias d'essas gazetinhas, que fazem o seu negocio ultrajando todos os portuguezes, incluindo, não raramente, os paes d'aquelles mesmos que as escrevem, os quaes em regra, se não são portuguezes, já o foram, e commummente para os insultos sempre continuam a ser considerados como taes.

Escreve o barão d'Holbach na sua MORAL UNIVERSAL « que ao bemfeitor cumpre poupar a delicadeza d'aquelle a quem beneficia, se quizer merecer o seu reconhecimento ; e que o homem, que obra de outro modo, pagando-se por suas mãos, nada mais póde exigir ». Como este, fallam todos os moralistas ; não ha pois a minima duvida que, quando aquelle que faz um beneficio continuadamente o atira á cara do beneficiado, esse beneficio converte-se n'uma injuria, e o bemfeitor perde todo o direito á gratidão.

Porém já que o ESTANDARTE e outros periodicos, aos por-

tuguezes chamam de mal agradecidos, não podem levar a mal que elles queiram saber quaes são os beneficios a que alludem.

Serão os que alguns d'elles por ahi em particular recebem dos brasileiros? Se d'estes fallam, confesso que me acho muito invidado para com os filhos do Brasil, com quem contrahi relações. Tenho de todos recebido o mais benevolo e generoso acolhimento, e folgo de n'este lugar, em alto e bom som, lhes dar um sincero testemunho da minha gratidão. Os meus patricios, que se acharem em identicas circumstancias, farão o mesmo quando puderem. Mas, acaso compete ás gazetas lançarem-nos em rosto favores individuaes, devidos á amizade? Isso passaria os limites do ridiculo.

Se não alludem a estes beneficios, de quaes fallam? O portuguez vem para o Brasil á sua custa, não despende ao thesouro um só real, nem gosa isenções algumas: comtudo desde que salta em terra, até que se retira ou morre, é quasi incessantemente vilipendiado por uma parte da imprensa brasileira, por certo não a maior, nem a mais sensata e independente. Que nome injurioso e feio, ou que o pareça, possue a lingua portugueza que não tenha sido applicado aos portuguezes? Ladrões, assassinos, porcos, estúpidos, marinheiros, puças, breados, pés de chumbo, lambudos, sebentos, inimigos dos brasileiros, fezes, refugo, intrigantes e outros que, ou nada significam, ou pela excessiva prodigalidade com que são distribuidos, já têm perdido quasi tudo quanto de asqueroso e ignominioso tinham nos vocabularios; eis para certos periodicos a ladainha de todos os dias, e as principaes bellezas com que enfeitam as suas paginas. Mas estes FAVORES não são senão os preludios de outros MELHORES que de vez em quando apparecem. Fallo nos MIMOS com

que as Vinagradas, as Balaçadas, as Pernambucanadas e outras iguaes catastrophes por toda a parte tem obsequiado os filhos de Portugal ; os quaes mimos consistem em muitas vidas portuguezas impunemente ceifadas por mãos assassinas. Com esta pincelada, creio que fica quasi completo o quadro dos FAVORES que nos lançam em rosto, e o ESTANDARTE que diga se lhe dei escuro de mais.

A parte mais san da população, confesso-o com gosto, reprova estas vergonhas, estas atrocidades, que fazem duvidar se não resuscitaram os seculos da barbaridade. Os ministerios de todas as parcialidades politicas, confesso-o com igual prazer, tambem por vezes têm dado provas de quererem cohibir aquelles excessos; mas como o conseguiriam quando a si mesmos mal se tem podido fazer respeitar? Por melhores porém que sejam os sentimentos do governo, e os da maioria da nação brasileira, o certo é que a voz dos bons é constantemente abafada pela voz dos máos, a qual impunemente vai triumphando.

Sendo incontestavel quanto acabo de referir, pode-se dizer que o agasalho que tanto lembram aos portuguezes, unicamente consiste em não os mandar prender apenas desembarcam.

As leis do imperio consentem a todo o estrangeiro, christão ou mouro, residir n'elle em quanto as respeitar. Os portuguezes não o habitam por mercê especial : logo em os deixar entrar não se dá o minimo favor, e se o houvesse, seria reciproco. Todos os brasileiros podem, quando lhes convier, ir morar em Portugal ; e, o que vale mais, podem-o fazer sem temer máos tratos, nem affrontas.

Como porém alguns periodicos tão a miudo recordam aos portuguezes OS FAVORES E AGAZALHO QUE D'ELLES RECEBEM, é

bem que fiquem agora sabendo que, se na admissão dos portuguezes ha favor, é para o Brasil.

A grandeza e a força dos estados não se medem pelas leguas quadradas da sua superficie ; mas pela extensão da sua agricultura, do seu commercio e da sua população, porque sem esta não ha commerciantes, lavradores, nem fabricantes. Ora, não possuindo o Brasil um vigesimo da população de que carece, claro está que tem summo interesse em abrir a porta á dos outros paizes, e que esta lhe faz favor em cá vir.

É mui provavel que sete decimos dos estrangeiros que buscarem as suas praias não conduzam ouro nem prata ; mas nos braços com que trabalham trazem-lhe uma riqueza immensa e a melhor. Na Inglaterra e na França abundam os braços, mas falta o trabalho ; aqui succede o inverso. O paiz é vastissimo, e, prescindindo mesmo da exploração das minas dos metaes preciosos, offerece variadissimos productos que só esperam por braços para derramarem por todo elle enormes riquezas. Logo, quem souber multiplicar os braços, terá alcançado o meio de dar grande incremento á publica prosperidade. Se os brasileiros deixarem em paz o estrangeiro que trabalha, elle se irá enriquecendo ; porém a riqueza nacional caminhará *PARI PASSU* com a d'elle, se o governo a seu respeito se houver com a sabedoria necessaria. Consiste esta em preparar uma tal combinação de interesses que o particular, brasileiro ou estrangeiro, trabalhando para si, trava he conjunctamente para o engrandecimento da nação.

O dever de acolher benignamente os estrangeiros é hoje um axioma governativo ; é uma das condições da civilisação, mesmo a respeito dos povos a quem superabunda a popula-

ção, com a differença de que a estes basta-lhes o dar ao estranho simples agasalho e protecção ; em quanto os que carecem de população, necessitam fazer muito mais.

É por este motivo que o governo imperial manda buscar colonos ao norte da Europa, paga-lhes a passagem, ministra-lhes terras, alimentos, sementes, ferramentas, e concede-lhes privilegios.

É pelo mesmo motivo que o regulamento de 30 de maio de 1836, no art. 83 § 2, perdôa direitos de ancoragem a toda a embarcação que de QUALQUER PAIZ transportar para este cem colonos brancos, sem distincção de idade nem de sexo.

Ainda é por este motivo que o aviso de 16 de novembro de 1835 fez expedir ordens aos consules e vice-consules brasileiros nos Açores para auxiliarem certa empreza de colonisação, que pretendia transportar açorianos para o Brasil.

É por elle que a lei de 18 de setembro de 1850 no art. 18 autorisa o governo a despender annualmente alguns contos com a introdução de colonos livres.

É finalmente por esse motivo que a lei provincial maranhense n. 166 de 27 de agosto de 1841, autorizou a despeza annual de 6:000\$000 para a colonisação estrangeira, e que todas as colleções de leis geraes e provinciaes estão cheias de providencias no mesmo sentido.

Á vista d'isto, não tenho motivo de sobra para afirmar que o portuguez que vem aqui estabelecer-se, trabalhar e contribuir para o thesouro, em proporção dos seus haveres, faz um serviço ao imperio ?

Se a emigração portugueza, em vez de correr para o Brasil, buscase as regiões do norte, achaes que se lhes fechariam as portas? Pois os Estados-Unidos, que franqueiam aos hc-

mens de todas as nações, sem excluir os mais depravados e criminosos, vedariam nos seus dominios ingresso aos meus conterraneos? Não vedavam, e melhores proporções tinham estes de lá se enriquecer, do que aqui, por haver entre os ing'ezes-americanos incomparavelmente mais movimento commercial, agrícola e industrial, além de muita mais estabilidade na ordem publica e segurança individual.

Os portuguezes tem todavia suas razões para preferir o solo brasileiro. Frequentemente acham n'elle parentes ou amigos, que n'outros climas só mais tarde encontrariam. A conformidade nos costumes, na lingua, na religião e nas leis tambem suadem a muitos; e não poucos são induzidos a demandar estas praias por certos especuladores de pessima moral, que, para poupar aos seus navios os direitos de tonelagem e para accrescentamento dos fretes, mandam pelos povos de Portugal e Açores seduzir a inexperiente mocidade com a perspectiva de uma riqueza proxima, inteiramente illusoria, para depois aqui os venderem quasi como negros d'Africa. A estas torpissimas artes deve o Rio de Janeiro uma grande parte da emigração portugueza que ali aporta.

O governo de Portugal, sabendo da perfidia dos taes especuladores, já quiz estorvar-lh'a, e algumas medidas para isso tomou; mas ellas foram improficuas, e continuarão a sê-lo em quanto a seme'hante mal não se buscar cura radical. Consiste esta em criar no reino emprezas uteis, e em dar o maior desenvolvimento áquelles ramos de industria e commercio que elle póde admittir, de feição que a mocidade veja ao pé da porta meios de se enriquecer, sem expôr-se aos perigos e trabalhos, que a falta de protecção a miudo lhe acarreta em terras longinquas e estranhas.

No PUBLICADOR MARANHENSE n. 1,099, vejo eu que

nos annos de 1849 e 1850 entraram, só na côrte, 8,049 portuguezes, dos quaes apenas 153 eram passageiros de ré. Os homens de trabalho subiram consequentemente a 7,896, deixando de ser açorianos ou minhotos, gente assás laboriosa, apenas uns 440. Imaginemos agora que todos estes homens vinham, como os allemães, por conta do thesouro : ainda que cada um não lhe despendesse senão 50\$000 rs. (tenho para mim que cada colono allemão importado pelo governo custa-lhe muito além de 100\$000 rs., e mesmo de 200\$000 rs.), teria elle desembolsado muito mais de um milhão, que por consequencia economisou. E não é isto favor ? A logica das paixões talvez negue esta verdade, mas o leitor imparcial sem hesitar a confessará.

Agora responderei ao PROGRESSO n. 23, de março ultimo.

Já eu disse que este periodico era muito mais moderado e polido do que os seus collegas — ARGOS e ESTANDARTE — ; agora accrescentarei que por pouco elle não foi completamente rasoavel. Se o não foi, talvez se deva isto ás circumstancias do tempo, as quaes muitas vezes obrigam a gente envolvida na politica, especialmente se essa gente aspira ás mais eminentes posições, a prestar homenagem ás opiniões muito em voga, embora se fundem ellas em motivos chimericos, quasi sempre originados pelas paixões politicas.

Custa-me realmente a crêr que homens de boas letras affirmem de coração que, se no Brasil a quasi totalidade do commercio a retalho permanece em mãos portuguezas, é, como refere o PROGRESSO, por existir entre os portuguezes COMO UMA PAREDE, UM CONLOIO, A FIM DE EXCLUIR D'ELLE OS BRASILEIRCS ; e muito menos posso isso acreditar, quando observo que tão grave e perigosa criminação se apresenta despida de todas as provas de veracidade. Tenho em

grande conta os meritos e o caracter verdadeiramente honesto da pessoa a que se attribue o artigo a que respondo ; não posso deixar de suppôr mui sincero quanto ella escreveu ; todavia, nem todos os propaladores d'esta opinião andam de boa fé ; e demais, ainda quando todos os brasileiros, que lançam sobre os filhos de Portugal a culpa d'elles não se quererem dedicar ao commercio, nem aos officios mecanicos, só escrevessem e fallassem conforme os dictames das suas consciencias, sempre essa accusação, á vista dos factos, seria frivola, iniqua, e digna de ser pelos accusados energicamente repellida.

Podem alguns negociantes mancommunar-se para vender por melhor preço uma fazenda qualquer ; mas quem tiver alguma experiencia do mundo, sem custo acreditará que taes concertos pouco duram. Como pois havia de durar desde a independencia (deve notar-se que os brasileiros em nenhuma época se deram mais á vida commercial do que hoje) um conloio feito não só entre os filhos de Portugal, n'esta provincia residentes, mas entre os de todo o imperio ? Eu digo de todo o imperio, porque desde que o infeliz desembargador Nunes Machado, na sessão de 28 de julho de 1848, fallou na PAREDE ESTRANGEIRA, isto é, na parede portugueza, a balela do conloio ADREDE E CALCULADAMENTE tem sido espalhada desde o Amazonas quasi até o Prata.

É muito para crêr que os portuguezes, que por ahi tem estabelecimentos de vender a retalho, com todos os habitos d'esses estabelecimentos, mui de coração desejem que não os constranjam a fechal-os, e que nas suas orações roguem aos santos da sua devoção que afastem para longe semelhante medida ; porém os santos certamente se não metterão com a questão do commercio a retalho dos brasileiros, e por

consequencia das taes supplicas nenhum perigo resultará. Comtudo, se ellas fossem criminosas, sem duvida seria esse o unico crime dos portuguezes n'este assumpto.

Eu pela minha parte desejo que o commercio a retalho passe para os brasileiros. Esta medida abalará e mesmo aniquilará muitas fortunas portuguezas, principalmente entre as mais pequenas: comtudo, alguns dos meus patricios escapar-lhe-hão naturalizando-se, outros tomarão novo rumo de vida; mas a maioria, com o que apurar, regressará á patria, que bem carece do accrescimo de riqueza que esses muitos milhares de fortunas, bem que na maior parte exiguas, por força lhe hão de levar. Além d'isso, a emigração portugueza, não achando já aqui meios de se empregar com facilidade, ou diminuirá consideravelmente, ou encaminhar-se-ha para as colonias portuguezas, que assim verão augmentar a sua população, os seus capitaes, a sua industria, o seu commercio e a sua navegação, com grande proveito da mãe patria e detrimento do Brasil.

Consequentemente no fim de um ou dous annos, a medida só ha de lembrar aos brasileiros, pelos damnos que lhes acarretar, enquanto o commercio portuguez residente no imperio, posto que assás reduzido quanto ao pessoal, achar-se-ha em uma posição muito mais vantajosa e respeitavel. Todos esses crimesinhos, todas essas traficancias, que são predicados de certo dos mais humildes estabelecimentos, passarão para os successores dos portuguezes, no que estes muito lucrarão.

Mas voltemos á PAREDE ESTRANGEIRA. Deve-se confessar que o systema dos CONLOIOS e PAREDES é mui geitoso, e commodo para explicar as causas dos males que affligem o paiz, porque dispensa grandes estudos.

Assim, meditando-se na pouca ou nenhuma tendencia que os brasileiros em todos os tempos têm mostrado para a profissão do commercio, parece que o homem politico deveria investigar a origem de tamanho mal, para se lhe applicar a verdadeira medicina ; fica porém muito mais barato gritar : — a causa é porque os portuguezes se conloiam para os excluir das lojas e quitandas, porque lhes não affiançam as letras, &c., &c. ; grita-se pois n'este sentido, e, como dizia Corneille

Le peuple, qui voit tout seulement par l'écorce,

acreditando no que lhe pregam aquelles em quem tem fé, fica detestando os pobres portuguezes, que não fazem senão o que os brasileiros, quer por preguiça, quer pelas preoccupações da educação, recusam fazer.

Assim notando-se a antipathia que os brasileiros, e com especialidade os da raça européa, mostram para as artes fabris, desata-se o nó gordio, exclamando : — são os portuguezes que não querem que os filhos do Brasil sejam ferreiros, sapateiros, alfaiates, carpinteiros, cabelleireiros e modistas, &c., &c.

Por esta fórma, sem queimar muito as pestanas, nem dar grandes tratos ao juizo, dá-se por descoberta para o Brasil a solução de todos os seus mais intrincados e vitaes problemas economicos e commerciaes. Comtudo, eu confio tanto no autor do artigo que combato, que me louvo ter elle por juiz. Elle que decida se um semelhante bordão convém á capacidade, aos interesses e á honra dos brasileiros.

Algum dia as paixões cederão o campo á razão. Algum dia será forçoso abdicar estes estratagemas, pelos quaes as ambições têm buscado exaltar-se, para cogitar sériamente em sanar os males publicos ; e então o povo brasileiro infal-

livelmente chorará as crueis decepções que lhe houver causado o falso zelo de muitos (não me refiro a pessoa alguma), que se inculcam por seus amigos e protectores. Na hora do desengano, elle conhecerá que não eram os portuguezes a causa dos seus males, e que estes provinham unicamente do desregramento das paixões politicas, das ambições descomedidas, e tambem por certo da negligencia que o Brasil ha posto em reformar alguns dos vicios de sua organisação social. Esperemos por essa hora, e seremos vingados. ATTEN-
DRE EST TOUTE LA VENGEANCE DE LA VÉRITÉ.

O Brasil póde ámanhan decretar — d'aqui a um ou dous annos, nenhum portuguez (a) poderá ter casa de commercio a retalho; mas nunca com esse simples decreto conseguirá NACIONALISAR o seu commercio.

Ou o cidadão brasileiro possui cabedades e credito para negociar, ou não. Se possui, quem o priva de trilhar as vias commerciaes? Se não tem dinheiro nem credito, sem os quaes se não negoceia, como os adquirirá? Só com a expulsão dos portuguezes? A medida pois de prohibir aos estrangeiros o commercio por miudo, sendo mui idonea para prejudicar as casas brasileiras e a todo o paiz, jámais será capaz de lhe acrescentar a riqueza, nem de fazer nascer casas de commercio, como o Omnipotente fez do cahos sahir a luz.

Não sou eu só que encaro mal a prohibição do commercio a retalho. Muitos brasileiros de probidade e luzes incon-

(a) Argumentando-se na sessão de 4 de julho que o tratado perpetuo com a França resistia á prohibição do commercio a retalho aos estrangeiros, o Sr. Nunes Machado concedia que, a ser necessario, ficassem da medida exceptuados os francezes, os quaes todavia, tem na côrte, e n'outras localidades, bastantes estabelecimentos de vender por miudo. A elle bastava-lhe que se tirasse á outra raça (aos filhos de Portugal) a alta influencia que exercia.

testáveis, já ha muito fizeram o mesmo. O Sr. Ferraz, deputado da camara quatrienal de 1848, na sessão de 4 de julho do mesmo anno, orou contra ella nos seguintes termos :

« O projecto mesmo não póde produzir os bens que se
« desejam ; passe elle, prohiba-se o commercio a retalho
« aos estrangeiros, e a maior parte d'elles se hão de natu-
« ralizar. E n'este caso cessará o clamor ? Não, porque o
« clamor não é contra os estrangeiros, mas contra os adop-
« tivos : a questão não é do commercio a retalho, é sim a
« riqueza proveniente d'este, ou de qualquer outro ramo de
« industria que adquirem os estrangeiros. »

Na mesma occasião tambem o Sr. deputado Góes se explicou assim : — « Sempre disse particularmente que apoiava o
« Sr. Ferraz, quando tratava esta medida de impolitica e
« pouco prudente ; porque, acho que quando no paiz se le-
« vanta uma voz geral, a fim de que por todos os meios se
« promova a colonisação e se chamem estrangeiros para ha-
« bitar o nosso inculto e immenso paiz, certas medidas, ten-
« dentes a contrariar este desejo dos brasileiros, em geral
« não podem deixar de ser consideradas como impoliticas,
« imprudentes e mesmo perniciosas. Ninguem ignora que
« na Europa temos máo nome, e que, contra nós, ha ali
« innumeraveis preconceitos : e como é que ainda se apre-
« sentam na casa medidas d'estas que tendem a augmentar
« estes preconceitos ? ! »

Do mesmo voto dos Srs. Ferraz e Góes certamente era a maioria da assembléa geral e o proprio governo ; e d'aqui nasceu a resistencia que tanto no poder legislativo, como no executivo, encontrou a emenda em 28 de junho, offerecida pelo Sr. Tobias para substituir o projecto do seu correlegionario Nunes Machado, sobre os caixeiros brasileiros.

Acharam alguns especuladores politicos que, apresentando os portuguezes á populaça sob uma face odiosa, podiam mais facilmente prendel-a aos seus interesses. Essa mina, apenas descoberta, nunca mais cessou de ser com todo o esmero e por diversos modos explorada ; porém a prohibição do commercio a retalho tem sido para os exploradores um ardil dos mais preciosos. Sabiam elles que os portuguezes estabelecidos no imperio, supposto fossem, como lhes cumpre, mui obedientes a todo o governo, sem olharem para a sua côr politica, comtudo, em geral, pendiam para o regimen agora chamado saquarema ; não por lhes importar que triumphe antes uma do que outra das parcialidades politicas, as quaes, ainda que por diversos caminhos, todas certamente buscam a felicidade do seu paiz ; mas porque, entregues pela maior parte ao commercio, e detestando todas as commoções que abalam o corpo social, se persuadem que sob aquelle regimen a ordem tem mais garantias de estabilidade.

Os adversarios do saquaremismo, considerando que esta tendencia fortalecia os seus inimigos, e que destruil-a ou enfraquecel-a seria destruir ou enfraquecer aquelles, não tendo para o conseguir senão o terror, lançaram mão d'elle. Insuflaram pois contra a gente portugueza os animos da plebe, e não houve calumnia que lhe não assacassem ; porém os principaes tiros d'esta guerra desabr'ida, como se sabe, dirigiam-se contra os brasileiros adoptivos, que por calculo tem sido sempre confundidos com os portuguezes, assim como estes com aquelles, bem que no geral os meus compatriotas sejam completamente estranhos ás questões politicas do paiz, como já repetidas vezes mostrei.

O estratagema da prohibição do commercio a retalho foi

inventado em Pernambuco, no anno de 1842, ou pouco depois, segundo o Sr. Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, na sua *CHRONICA DA REBELLIAO PRAIEIRA*; porém como este distincto brasileiro de algum modo ahi nos traça a historia do predito estratagema, penso que, para bem provar a origem d'elle e os seus progressos, não posso tomar melhor expediente do que trasladar para aqui as suas proprias expressões. Eil-as :

« Os jornaes da opposição, lê-se na citada Chronica, pag. « 3, nascida em 1842, por motivos de sympathia com a « rebellião de S. Paulo e Minas, limitando-se a principio á « censura dos actos do governo provincial, bem depressa, « sob pretexto de derrocar a supposta exclusiva influencia « de uma familia, passaram a guerrear os cidadãos mais « respeitaveis pelas suas riquezas, cargos, saber e probidade; « e a exaltar todo o espirito de resistencia, como um direito « e dever da parte dos seus correligionarios; a apregoar as « maximas mais perigosas e ante-sociaes; A AÇUZAR O ODIO « DOS NACIONAES CONTRA OS ESTRANGEIROS, PRINCIPALMENTE « PORTUGUEZES; A FAZER-LHES CONCEBER ESPERANÇAS DE QUE « UM DIA SERIAM ESTES EXPELLIDOS DO COMMERCIO E DAS « PROFISSOES MECANICAS, E QUE DESTRUIDA A CONCURRENCIA « DOS MESMOS ESTRANGEIROS, D' AHI LHES RESULTARIAM TODAS « QUANTAS VENTURAS ELLES PODESSEM IMAGINAR PARA SI OU « PARA A PROVINCIA »

Continuando, á pag. 5; diz ainda — « Foi exaltando esses « sentimentos que os directores do segundo d'esses partidos « a que nos referimos, e que tomou o nome de PRAIEIRO, « fizeram com que os artistas e obreiros nacionaes assignas- « sem em 1844 um requerimento, tornado celebre, em que « se pedia aos poderes supremos do estado a expulsão dos

« artistas estrangeiros, e a prohibição de certos productos da
« industria européa, que elles aliás não poderiam fabricar
« com tanta perfeição, nem vender pelo mesmo preço, nem
« fornecer na mesma quantidade, em proporção ao con-
« summo . . . »

Emfim, á pag. 6 acrescenta : « Foi por causa d'estes
« sentimentos que o simples facto de ter sido ferido no dia
« 26 de junho de 1848 um estudante brasileiro do lycêo
« por um portuguez (a), deu lugar á carnificina e espanca-
« mentos d'esse dia e do seguinte, em que, ao grito de
« MATA MARINHEIRO, succumbiram alguns portuguezes que
« PACIFICAMENTE se entregavam ao commercio, e se formulou
« uma petição á assembléa legislativa provincial, em que se
« pedia — a exclusão dos estrangeiros do commercio a
« retalho, a expulsão de todos os portuguezes solteiros
« dentro de 15 dias, como inimigos implacaveis do Brasil,
« e a convocação de uma assembléa constituinte para tratar

(a) Os redactores do *PROGRESSO* (revista social litteraria e scientifica) publica-
do em Pernambuco em outubro ou novembro de 1848, a pag. 89 do n. 14 do
tom. 3, referindo-se a este facto, exprimem-se assim : — “ Asseveram-nos
“ algumas pessoas que a briga do cadete Costa Cordeiro com o portuguez do
“ armazem de carne secca, e as desgraças que d'ahi seguiram, foram preme-
“ ditadas pela PRAIA VELHA, e organisadas de antemão n'uma reunião da So-
“ ciedade Imperial que teve lugar a 17 do mesmo mez de junho. ., Os reda-
ctores declararam em seguida que acham esta accusação inverosimil ; comtudo,
proseguindo nas suas reflexões sobre os excessos d'aquelle mez, ainda escre-
vem : — “ Se nos quizessemos remontar ao passado e esquadrinhar as causas
“ mais remotas d'estes tristes acontecimentos, achariamos em primeiro lugar a
“ VOZ DO BRASIL, periodico que pertence incontestavelmente ao partido da
“ praia, e de continuo appella para as mais ignobeis paixões, e excita a parte
“ ignorante da população contra um phantastico partido lusitano que não só
“ se compõe de portuguezes e adoptivos, como tambem de todos os brasilei-
“ ros que não apoiam os desvarios da VOZ DO BRASIL ; achariamos tambem esses
“ artigos do DIARIO NOVO que appellavam para o pitia bordão, sangrias lar-
“ gas, etc., etc. ., ”

« de uma reforma social, que se harmonisasse com o pro-
« gresso liberal e estado precedente da sociedade brasileira,
« concluindo por fazer ameaças no caso de não serem
« attendidas semelhantes representações. Foi ainda a es-
« ses sentimentos que os directores do partido praieiro faziam
« todo o cortejo, quando pelos jornaes, mais ou menos
« claramente, PROMETTIAM ÁS CLASSES BAIXAS E IGNORANTES
« DA POPULAÇÃO A POSSE DAS LOJAS, TABERNAS E BOTICAS
« QUE ERAM POSSUIDAS POR PORTUGUEZES, COMO RECOMPENSA
« DE TODOS OS SEUS TRABALHOS. Emfim, esses sentimentos
« eram todos os dias lembrados, excitados, estimulados
« e elogiados, quer pelos jornaes da facção praieira, quer
« nos clubs nocturnos, em todas as eleições que se fizeram
« na provincia, ou em quaesquer outras occasiões que se
« lhe offerciam. »

A opinião da prohibição do commercio a retalho aos estrangeiros tomou tamanho vulto em meados de 1848, que o Sr. Tobias, como eu acima disse, animou-se a offercer na camara temporaria uma EMENDA concebida n'aquelle sentido, para substituir o projecto sobre os caixeiros brasileiros, já em discussão. Mas, posto que esta EMENDA encontrasse grande acolhimento na população menos illustrada, e se apresentasse apoiada pelos Srs. Nunes Machado, Lopes Netto, Villela Tavares, Arruda da Camara, M. Sarmiento e Faria, foi refundida pela commissão a que a enviaram (era membro d'ella o mesmo Sr. Tobias de Aguiar), a qual, na sessão de 20 de agosto, apresentou o seu parecer, decretando a admissão de um caixeiro brasileiro em cada casa de commercio, e isentando do recrutamento e do serviço da guarda nacional um ou mais dos ditos caixeiros, conforme os capitães de cada estabelecimento. A prohibição de venderem

os estrangeiros a retalho, era ahí completamente desattendida.

Desde então esta prohibição ainda não cessou de ser o pensamento mimoso das classes menos abastadas, de feição que o homem de qualquer dos partidos, que aspirar á deputação, e por consequencia á popularidade, tem de habilitar-se préviamente ante as turbas, apresentando-lhes um programma em que se manifeste acerrimo sectario de tal prohibição, e em que impute aos portuguezes o crime de haver poucos filhos do Brasil com estabelecimentos de vender por miudo, ou com officina de sapateiro, alfaiate, &c.

Esta necessidade de agradar ás classes populares, lisongendo-lhes as opiniões mais predilectas, trouxe-nos ainda uma curiosidade, a meu ver, summamente rara na vida dos partidos politicos : consiste ella em ser a gente portugueza, quero dizer, a gente mais soffredora, pacata e trabalhadora que habita a terra de Santa Cruz, apezar da sua indubitavel affeição para o saquaremismo, ao mesmo tempo asperamente injuriada não sómente pelo partido luzia, se não ainda por alguns saquaremas, ou que ultimamente se haviam unido ao partido saquarema. Estes homens viam que a prohibição do commercio a retalho era uma temivel arma nas mãos dos contrarios ; quizeram por consequente tambem lançar mão d'ella. Mas apezar de haverem certos campeões do partido dominante maltratado os filhos de Portugal, unicamente para obterem ou conservarem uma popularidade fôfa e tão perduravel como a luz do vagalume, com tudo nem por isso tem faltado em ambos os lados, que se disputam a direcção dos negocios publicos, brasileiros de valor bastante para, a respeito do commercio a retalho, mesmo na tribuna legislativa, ousarem fallar verdade aos seus concidadãos. Produzirei alguns exemp'os.

O Sr. Ferraz, na sessão de 4 de Julho de 1848, exprimi-se por este theor :

« O orador reconhece que a opinião que segue não é a
« opinião popular ; mas está convencido que serve ao paiz
« adoptando esta opinião ; e por isso, antes quer perder
« qualquer popularidade, que possa por ventura ter, do
« que fazer o sacrificio de opiniões que julga uteis ao
« paiz. »

O Sr. Góes concordou com o precedente orador, como se verá pelas palavras que já d'elle ficam transcritas, e pelas seguintes :

« Conhece que é uma tarefa ardua e odiosa a d'aquelles
« Srs. deputados que combatem a medida ; mas dirá
« tambem que é patriotica da parte dos que assim proce-
« dem. O orador antes prefere render culto á razão e á
« verdade, do que a essa popularidade van e fôfa, que se
« pretende adquirir com a apresentação de certas medidas ;
« popularidade que se assemelha aos montes de arêa for-
« mados no deserto, que com qualquer sopro se desfazem
« e desaparecem. »

Já na sessão de 28 de Junho o Sr. Souza Franco, então ministro dos negocios estrangeiros, havia dito :

« Acha (elle ministro) muito conveniente que se entre na
« discussão da materia, para que se venha no conhecimento
« de que o mesmo projecto do Sr. Nunes Machado (o que
« mandava as casas de negocio ter pelo menos um caixeiro
« brasileiro, e isentava estes da guarda nacional : foi
« offerecido em 10 de junho) traz muitos inconvenientes que
« elle talvez não previsse ; que favorece demasiadamente
« uma classe em prejuizo das outras classes ; e que o fim
« que o Sr. deputado teve em vista só SE PODE CONSEGUIR POR

« UM CONJUNCTO DE MEDIDAS MUITO SATISFATORIAS. O go-
« verno não está persuadido nem que seja tempo de tentar
« conseguir o fim por este meio que lembrou o Sr. deputado,
« nem que o projecto que elle offereceu seja o mais proprio
« para isso. Não quer entrar agora na discussão do
« projecto ; do contrario demonstraria que de facto o
« estado da população ficaria muito mais prejudicado com
« medidas d'este genero. »

Na de 11 de Julho, ainda o mesmo ministro fazia ante a camara a seguinte declaração :

« Se apparecesse a idéa de que alguns melhoramentos
« são precisos, no sentido de fazer com que os brasileiros
« tenham mais importante parte nos diversos trabalhos da
« sociedade, esta idéa seria muito justa ; o governo procu-
« raria os meios de a effectuar ; MAS OS MEIOS DIRECTOS que
« se apresentam não podem ter o resultado que se deseja. O
« que se pede ? Que cada uma casa nacional ou estrangeira
« seja obrigada a ter um caixeiro nacional. Terá o paiz
« pessoal sufficiente para apresentar de um dia para outro
« caixeiros brasileiros para todas as casas de commercio ?
« Mas, suppondo que o paiz tem o pessoal necessario,
« suppondo que poderia o trafico a retalho ser feito pelos
« brasileiros, tem elles desde logo as habilitações necessarias
« e os capitaes necessarios ?

O orador passa a mostrar « que o commercio do Brasil,
« assim como o de todo o paiz que começa, é quasi todo
« feito com capitaes estrangeiros ; que grandes prejuizos te-
« ria o paiz com a adopção do projecto, porque difficultaria
« a entrada dos capitaes, diminuiria a concorrência, impe-
« diria o augmento da população, e traria a carestia do ge-
« nero. Entende que muito se póde fazer em beneficio

« dos brasileiros ; mas nota que os meios de que se lança
« mão não são os mais convenientes, porque não se deve
« tratar de difficultar a entrada dos capitaes que vem
« enriquecer o paiz. »

O Sr. Taques orava no mesmo sentido na sessão de 14 de Junho, e são mui para notar as seguintes expressões d'elle :

« Nota que na camara se disse que as idéas do Sr. Nunes Machado eram a expressão de um voto do paiz, e de clamores populares : a questão não é se as idéas do nobre deputado estão de accordo com esses clamores : a questão é se esses clamores são fundados. Um homem de estado não é um humilde servo dos clamores publicos ; elle primeiro deve ter em vista a razão, procurar satisfazer as necessidades do paiz, conter, esclarecer e guiar a opinião publica, quando ella não vai de accordo com o que prescreve a razão. A idéa da exclusão do commercio estrangeiro e da chamada de toda a industria aos nacionaes é uma grande mina de popularidade, os partidos nas provincias do norte têm mais ou menos explorado esta mina. »

E para concluir, tambem n'esta occasião o CORREIO MERCANTIL, cujas opiniões progressistas são bem conhecidas, se dirigia aos seus compatriotas (veja-se o PUBLICADOR MARANHENSE n. 744), pelo modo que se vai vêr :

« Desde muito tencionamos dar a nossa opinião a respeito das questões que fazem o objecto d'este artigo ; tão melindrosa porém a consideramos, que tremiamos de o fazer ; mas ao lêrmos o que a respeito se tem ultimamente escripto no norte do imperio, e ao vêrmos o que se diz n'esta capital, assentamos de não demorar por mais tempo a publicação de nossos sentimentos a respeito, e de procurar, quanto em nós

cabe, firmar a opinião publica, que de taes materias se occupa com empenho ; tanto mais porque ainda os interessados nutrem receios de que uma decisão imprudente os prejudique em seus interesses, e envolva o paiz em difficuldades internas, e em questões exteriores.

« E o melindroso da questão provém menos d'ella em si mesma, do alcance embora mui vasto e extenso a que pôde ir, que das vistas apaixonadas dos que, em objecto tão importante, só procuram attender ao lado pelo qual a odiosidade pôde atacar mais de frente seus adversarios politicos. E nós, que nas questões d'esta ordem perdemos de vista os interesses de partido, para sómente consultar os da tranquillidade e futuro engrandecimento do imperio, havemos de aconselhar a uns mais circumspecção na adopção de theorias que a experiencia tem por vezes condemnado, e havemos ainda com mais severidade censurar aquelles que adulteram, afeiam mesmo terrivelmente intenções que se devem acreditar talvez erroneas, mas nunca criminosas.

« A opposição, é nossa intima convicção, está persuadida, como nós, que esta theoria de restricções á introducção de braços e capitaes estrangeiros, pela limitação imposta á sua occupação dentro do paiz, provém, em grande parte, de doutrinas erroneas sobre a producção e distribuição da riqueza, e não do desejo de damnificar o paiz, para beneficio individual ou de certas classes. E se é esta sem duvida alguma a opinião dos directores opposicionistas, porque a contrariam em seus discursos e publicações pela imprensa, ou desacreditam o paiz aos olhos do estrangeiro ? Questões d'esta ordem não podem, não devem nunca servir para manejos de opposição ao governo ou á politica dominante.

« Por toda a parte em que a mão da Providencia, favo-

recendo a um paiz com terrenos saudaveis, ferteis e bem situados, convida a que o venham explorar os habitantes de outros mais antigos em civilisação, e nos quaes a concurrencia de população excessiva e capitaes abundantes obrigam parte d'elles a retirar-se, a emigração se estabelece, e os capitaes a acompanham e vão desenvolver as riquezas dos paizes novos e nas condições descriptas. A consequencia é pois que esta introdução de novos braços e capitaes, melhor dirigidos pela experiencia, melhor aproveitados com o socorro de mais adiantados processos e machinas empregadas na industria, na agricultura, no proprio commercio, enriquecem o paiz de sua nova adopção, derramam e melhoram a instrucção publica, desenvolvem a civilisação, e asseguram força e poder ao estado.

« Mas é consequencia d'estes factos que, ou em virtude dos capitaes que importam consigo, ou de mais subido credito para com os seus possuidores, ou por diversas razões, são em regra os estrangeiros os que mais lucros tiram d'estes mesmos capitaes, e dos meios productivos do paiz, e portanto os que mais promptamente enriquecem e ganham vantajosas posições. E d'ahi as comparações desfavoraveis aos nacionaes, ou pelo menos áquella parte dos nacionaes que não tem sido tão feliz, e como consequencia o ciume dos estrangeiros, as queixas contra o governo ou legislação que assim os favorecem e os felicitam mais do que os proprios naturaes do paiz.

« São factos observados no antigo, como no novo mundo, nas épocas recentes como nas da média idade. E a estas causas se podem attribuir em parte a expulsão e máo tratamento que têm soffrido os judeos em todo o orbe, a expulsão dos mouros da Hespanha, dos huguenotes da

França, e ás medidas restrictivas do trabalho e commercio estrangeiro, que nos ultimos annos adoptaram algumas das republicas da America.

« Em todos estes casos tem vindo a experiencia demonstrar aos incautos sustentadores d'estas erroneas theorias, que ensinam como meio de favorecer os nacionaes a adopção de medidas restrictivas contra a livre entrada de braços e capitaes estrangeiros no paiz, e sua applicação aos trabalhos de sua escolha, os pessimos resultados que acarretam. Em todos elles, e é regra sem excepção, são tão promptos e visiveis os desvantajosos effeitos das restricções, que o arrependimento e revogação não se fazem esperar por muito tempo.

« A comparação do estado das provincias do imperio que, situadas no littoral e mui frequentadas pelo commercio estrangeiro, prosperam e enriquecem com as do interior, que pela razão inversa continuam atrasadas e pobres, é para conveniencia das vantagens da entrada de braços e capitaes importados do exterior; e não menos se reconhece n'ellas essas vantagens que sobre grande parte dos nacionaes gozam grande numero de estrangeiros.

« No Rio de Janeiro, por exemplo, vêem-se grandes fortunas adquiridas pelo commercio exterior e interior, e quasi exclusivamente por estrangeiros, e a par d'elles que não pequeno numero de brasileiros continuam na pobreza, faltos de occasião e meios de desenvolverem seus recursos? Mas em Goyaz, em Matto-Grosso, Espirito Santo e em tantos outros pontos do imperio, se não ha estrangeiros ricos por um commercio que quasi falta á esses pontos, tambem os brasileiros que os habitam continuam em pobreza, ainda mais desgraçada que a das cidades do littoral.

« E a differença vem então a consistir em que, por toda a parte onde o commercio estrangeiro leva seus meios, seus braços e capitaes, felicita-se o paiz em geral, augmenta-se a renda publica, ha novos meios de trabalho para os nacionaes do paiz, que o desejam e saibam aproveitar, e com o volver dos annos, vem toda essa riqueza, os soberbos edificios, os moveis sumptuosos, e em geral todos os objectos de luxo e usos da vida a passar para mãos nacionaes, por algum d'esses meios de transmissão de propriedade, heranças, casamentos, doações, compras, unicos meios licitos porque passam as riquezas para as novas gerações.

« E a differença consiste em que esses pontos favorecidos pelo commercio estrangeiro, e introduccão livre de braços e capitaes, como seja a cidade do Rio de Janeiro, se enriquecem e adiantam, seus naturaes tornam-se, com o volver dos annos, ricos e poderosos; no entretanto que Goyaz, Cuiabá, Espirito-Santo e tantos outros pontos do imperio, continuam atrasados e pobres; e seus habitantes, os filhos do paiz, não sahem nunca da pobreza em que viveram seus pais.

« É pois necessario concluir que, principalmente ao commercio estrangeiro, á entrada de mais braços e capitaes que os existentes no paiz, deve o Rio de Janeiro, a Bahia, Pernambuco, e outros pontos do imperio, o desenvolvimento que não tendo, que, para que as outras o obtenham, convém muito facilitar-lhes igualmente a entrada livre e desembarcada de mais capitaes e braços; e que toda a theoria que procure o melhoramento do paiz nas idéas contrarias, nas restricções propostas ao commercio estrangeiro, deve ser proscripta, como tendendo a resultados oppostos, isto é, ao empobrecimento do paiz.

« E não se diga que se não difficulta a entrada de braços

ou colonos estrangeiros, quando se limitam os trabalhos a que se podem applicar. Se hoje, porque todas as industrias lhes estão facilitadas, entram 8 ou 10,000 estrangeiros por anno, e vão os 315 dar-se aos diversos ramos do commercio, se ámanhan lhes fôr este vedado em parte, se não poderem ser caixeiros, se não contarem com a possibilidade d'este ultimo recurso, ainda aquelles que se destinem á agricultura, ás artes e a outros diversos misteres, em lugar de 8 a 10,000 entrados por anno, teremos que só entrarão 2 ou 3,000, e será a perda para o imperio a diminuição annual de 6 a 7,000 emigrados.

« E se hoje com inteira liberdade de commercio, e porque podem os importadores dirigir, como melhor lhes apraz, seus capitaes, e os confiar a quem lhes convém, entram cerca de 60,000 contos de réis por anno, e se demoram por tão longo tempo, que podemos com o Sr. Souza Franco, ministro dos negocios estrangeiros, orçar em 100,000 contos de réis os capitaes que continuam sempre a credito no paiz ; se fôr limitada aquella liberdade, teremos muito reduzidas aquellas entradas, serão mais curtos os prazos, e pelo menos haverá para o imperio a perda do uso de metade d'estes capitaes, isto é, de 50,000 contos de réis annuaes. »

Como o meu verdadeiro intento não é discutir se ao Brasil convém ou não vedar aos estrangeiros o commercio a retalho, senão expôr as causas que suscitaram essa questão, e de mostrar que os portuguezes foram a ella arrastados injustamente, e com intentos meramente politicos, abandon-a-hei para voltar ao meu proposito.

Em outro lugar disse eu que os portuguezes, residentes no imperio, dedicando-se ao commercio por miudo e ás profissões mecanicas, faziam tudo o que os brasileiros, por

preguiça, ou pelas preocupações da educação, recusam fazer. Desenvolverei agora este pensamento.

As infimas classes do povo brasileiro, que habitam do Rio de Janeiro para o norte, ou sejam oriundas da raça indigena ou da africana, geralmente fallando, não sentem os agulhões da ambição, nem aspiram a viver se não como os seus antepassados. A benignidade do clima quasi totalmente lhes dispensa o uso das roupas ; um casebre ergue-se ahi em qualquer canto sobre meia duzia de esteios que os matos gratuitamente fornecem ; enquanto para tectos, portas e janellas, lá está a inapreciavel pindoba, que nasce e prospera em toda a parte ; o mar, o rio e as matas encarregam-se de quasi toda a subsistencia indispensavel. O cachimbo e algumas bebidas espirituosas, para as quaes ainda o paiz contribue com os necessarios ingredientes, eis todo o luxo dos individuos d'estas classes disseminados pelo interior. Ora, para o satisfazer, assim como para acudir a tão diminutas precisões, essa gente não carece nem de se afadigar, nem de comprometter a sua selvagem independencia ; pelo que voluntariamente quasi nunca se presta ao serviço do exercito, ou da marinha, nem a outro algum.

A antipathia d'estas classes para o trabalho, e para a sujeição é tal, que a generalidade d'aquelles mesmos individuos d'ellas, que vivem nos grandes povoados, e ahi testemunham as commodidades da opulencia e até da abundancia, não se abalam com isso, e passam o dia, o mez, o anno e toda a vida balançando-se na rêde, e cachimbando, sem se lembrarem senão das necessidades do momento, como a fome e a sêde, apaziguadas as quaes, recahem na costumada indolencia. D'aqui resulta que a physionomia da plebe brasileira em nada se assemelha á da plebe européa.

Esta, vive sempre na sujeição e dependencia, é um soberbo viveiro para as profissões industriaes, mechanicas e commerciaes, para as da marinha, para as da guerra, e mesmo para as scientificas ; presta-se a todos os serviços domesticos, trabalha incessantemente, e ás vezes mais do que pôde ; mas apesar d'isso, cabe-lhe quasi sempre em patrimonio a indigencia, a penuria e todos os sacrificios. Aquella não é indigente, porque não multiplica as suas necessidades, e com pouco satisfaz as da natureza ; mas não lida, não faz sacrificios senão quando a constangem a lidar. Vereis ahi milhares d'estes homens na mais absoluta e enojosa ociosidade ; porém entre tantos, não encontrareis um que queira ser vosso creado, seja qual fór o salario que lhe offereçaes.

E note-se que esta indole preguiçosa e inimiga do trabalho não é peculiar aos indigenas do Brasil. Quasi todas, senão todas as tribus americanas são achacadas d'esta molestia, como se pôde vêr em Robertson (*HISTORY OF AMERICA*) ou em algum outro escriptor. Quanto á raça ethiopica e suas variedades, a preguiça d'ella tambem é bem conhecida. O escravo trabalha porque teme o latego ; cessando este temor, o trabalho cessará ; e senão olhe-se para a generalidade dos libertos. Tambem elles são incommodos a varias nações do Novo-Mundo, e em algumas, como os Estados-Unidos da America do Norte, desprezados e aborrecidos. Ora, com homens d'esta tempera não poderão medrar a agricultura, o commercio e a industria. O tirocinio d'estas profissões requer sujeição, soffrimento, trabalho e actividade ; mas a elles falta-lhes para tudo isso a resignação. Logo, quem d'essa gente quizer fazer alguma cousa, deverá começar excitando-lhe a ambição ; não aquella ambição que tudo queima e esterilisa, ou, para me servir das expressões do

Sr. Thiers, aquella ruim ambição que quer elevar-se destruindo, se não a que se eleva edificando. Espero que a ambição comsiga supplantar a preguiça.

Nas altas classes, e mui especialmente nas da raça européa pura, não pouco se fazem igualmente sentir as influencias dos ardores equatoriaes ; comtudo, não se carece de olho mui perspicaz para observar que n'estas classes a aversão para as profissões laboriosas e mecanicas ainda provém de outras causas de natureza mui diversa, porém assás poderosas, bem que não impossiveis de destruir. São certos vicios de educação, incluindo o orgulho que têm os homens pobres, ou apenas abastados, de hobrearem com os mais ricos, e não raramente de os exceder.

Entre os membros d'estas classes, pouco importa que sejam nacionaes ou estrangeiros, apenas um menino vê a luz do dia, logo se acha rodeado de servos que humildemente se esforçam por lhe advinhar as necessidades, e mesmo os caprichos. As vozes — SINHOSINHO, MEU SENHOR — constantemente lhe soam nos ouvidos ; os bordados e outros diversos labores, mui lindos e custosos, o enfeitam com profusão, e quer em casa, quer na rua, sempre um ou mais escravos acompanham o SINHOSINHO, que aos 8 ou 10 annos já não sahe á rua sem a sua casaca. Fallando assim, não é minha mente tecer censuras, senão referir verdades.

Ora, quando na casa paterna os meios abundam, de feição que o filho possa no futuro satisfazer ás multiplicadas e sempre crescentes exigencias da sua posição, aquelles mimos merecem desculpa, ao menos pela utilidade que a sociedade d'ahi aufere.

No tempo em que o viver das nações era mais austero ; quando Sparta inteira comia a uma mesa, ou Fabricio olhava

com desprezo para o ouro de Pirrho, o luxo seria uma calamidade capaz de aniquilar os mais famosos imperios. As scenas hoje mudaram. No estado de corrupção em que vivem os povos civilizados, a superfluidade não é unicamente uma conveniencia, é uma necessidade; o luxo é o pai da industria, e o principal estímulo para o commercio. Desgraçado do pobre se, pelas creações da phantasia, ou pelo suor do rosto, não podesse arrancar da mão do opulento os meios de haver o seu pão! Com a divisão da propriedade actualmente existente no mundo civilizado, o decreto que supprimisse as artes que alimentam o luxo, seria a certidão de obito de sete ou oito decimos da população.

Mas o necessario do rico é, como se expressa um acreditado moralista, o superfluo do pobre. O homem rico adquire mil preiões, que ao pobre importa desconhecer. Logo é gravissimo mal que o cidadão de poucos ou nenhuns haveres, querendo a todo o custo equiparar-se ao que tem muitos, e até obscurecel-o, crie seus filhos com um fausto que elles no futuro não podem sustentar, e que em regra sempre lhes é funesto tanto ao physico, como ao moral. Os resultados-de tão deplcravel systema são: tornar os mancebos incapazes de sujeição, e de se applicarem ás occupaões mais laboriosas; criar-lhes mil necessidades ficticias, que nem sempre poderão satisfazer, mesmo á custa da honra; e finalmente legar-lhes um futuro póbrc e calamitoso.

Dizei a um moço, assim criado, que vá entre homens de diversas castas sentar-se na tripeça do sapateiro, ou no banco do alfaiate! Dizei-lhe que vá besuntado de breu trepar-se nas vergas de um navio acossado pela tempestade! Dizei-lhe que é mister aprender na forja do ferreiro a ganhar pão ensopado no suor e pó de carvão! Dizei-lhe que

vá na quitanda, em mangas de camisa, com as roupas todas enebadas, e quasi descalço, empunhar o cabo da vassoura para a vârrer ; que vá n'ella medir quartilhos de azeite, servir muitos dos que já lhe chamarãẽ MEU SENHOR, ou fazer outros serviços, todos humildes, e em completa desharmonia com os seus habitos ! Dizei-lhe que, para um dia ser rico, é forçoso sujeitar-se ás impertinencias e grosserias de um mestre ou de um patrão, e que esta sujeição é absolutamente indispensavel a todos os que se dedicam a um officio, ou ao negocio ! Elle recusará tudo, e se acaso se submeter, difficilmente será bom caixeiro, bom artifice, ou bom marinheiro.

Em tal conjunctura é-lhe forçoso buscar um rumo de vida mais analogo ás propensões ; e este individuo, que não quiz obedecer a um mestre ou a um patrão, na esperança de um dia por seu turno ser mestre ou patrão, não duvida de continuo arrastar-se aos pés dos ministros da corôa em cata de um emprego, as mais das vezes temporario, que lhe presta modicos salarios, e frequentemente, pela dependencia em que o colloca, lhe tira a dignidade de homem, e a consciencia.

Mas isto ainda não é tudo. Quando n'essa posição, o mui natural desejo de a melhorar, nem sempre regulado como cumpria, pelos dictames da boa moral, á miudo o lança nos partidos, e d'ahi a pouco tardar nas voragens da anarchia. E eis ahi a causa porque, nas intestinas guerras, que como um abutre, desde a independencia tem roido as entranhas do Brasil, sempre figuram muitos empregados, e rarissimos lavradores ou commerciantes. Assim póde-se dizer que nas infimas classes anda ambição de menos, e nas superiores ambição de mais. Esta é pelo menos a minha opinião, a qual emitto sem a mais leve tenção de injuriar a ninguem, e muito me-

nos á corporação dos empregados publicos, cuja quasi totalidade é summamente respeitavel.

São pois aquelles os verdadeiros fundamentos porque o Brasil vê tão poucos filhos seus no commercio por miudo, a porta por onde communmente se passa para o commercio por atacado; e não as intrigas nem os conloios dos portuguezes, como por ahi tantas vezes se tem affirmado. São elles ainda que afugentam os brasileiros das artes mecanicas e industriaes, e que n'estes desenvolvem uma tão notavel tendencia para os empregos, e para a vida litteraria, como a melhor habilitação para trepar aos mais duradouros e eminentes cargos.

Aos defeitos da educação se devem consequentemente em grande parte, os tropeços que estorvam os brasileiros de competir com os portuguezes, que aqui vem ter o seu aprendizado commercial. Os ultimos, sendo geralmente pobres, e por tanto avezados ás privações, assim como ao trabalho, quando pela primeira vez entram para um estabelecimento de commercio, ainda dos mais inferiores, melhoram de situação, e sem repugnancia se prestam a serviços que, comparados com aquelles a que anteriormente eram constrangidos, já são mui suaves. Como vinham affeitos á obediencia, e se acham na terra alheia, sem parentes nem protecções, quando a sorte lhes depára patrões nimiamente rabugentos, calam-se, e os aturam, até lhes apparecerem outros melhores; e, não conhecendo as superfluidades do luxo, vão dos seus mesquinhos ordenados poupando, e accumulando sommas que, a miudo transformam o caixeiro em patrão, e o negociante de minguidos cabedaes em negociante de grosso trato, e rico proprietario. É o numero d'estes bemaventurados avultaria mais, se muitos estrangeiros, corrompidos

pelos vícios que os cercam, não buscassem tão cedo ser patrões. Namorados assás prematuramente da independência e da casaca, bastantes d'elles vão com diminutos fundos abrir loja, quitanda ou qualquer outro estabelecimento ; e como se este erro ainda não bastasse, despendem mais do que podem com os novos habitos adquiridos, ou com os vícios ; de feição que, no fim de poucos mezes ou annos, têm dado em pantana com o seu, e o que é peor, com o alheio. Então, arruinado completamente o credito, e perdida a honra, tomam a profissão de vagabundear e de chafurdar-se nas sentinas do jogo e da sensualidade, tornando-se os flagellos da sociedade, e a vergonha dos compatriotas.

Deixando porém na sua miseria estes infelizes, só olharemos para os que, tendo atravessado um periodo maior ou menor no serviço alheio, á força de lidar e economisar, se collocaram em boa posição, e chegaram a possuir bens que lhes ministram as commodidades de que é merecedor o homem que por meios licitos sabe engrandecer-se.

É na realidade um bellissimo espectáculo ver o LABREGO, que aos 10 ou 12 annos de idade abandonára o arado, a enxada e a humilde aldeia em que era apenas um rapazinho pobre e grosseiro, a poder de perseverança, de trabalho e de economia, polir-se, dar um pontapé na pobreza, e pouco a pouco erguer-se até se collocar na altura do negociante acreditado, rico, e mesmo riquissimo, adquirir então honras e dignidades, e tornar-se o tronco de uma familia distincta, ás vezes por muito mais do que pela influencia proveniente dos capitaes.

Ora, para este espectáculo, que por vulgar nem por isso cessa de ser sublime, que é capaz, elle só, de santificar o trabalho, a economia e a propriedade, é que eu entendo

que a imprensa brasileira deveria chamar a attenção dos seus conterraneos de todas as classes, deixando, tanto quanto fosse possivel, no abandono, essa politica tediosa e esteril, ao menos para o bem que ha longos annos quasi exclusivamente lhe serve de alimento, e traz tão enfezado o vasto corpo do imperio de Santa Cruz. Mas então, em lugar d'aquella linguagem cynica, desorganizadora e impudente, que tantas vezes lhes tem fallado, seria indispensavel usar dest'outra :

« Compatriotas, que viveis na pobreza ! Vêdes o estrangeiro
« que habita n'aquella formosissima casa construida por elle ;
« que é casado com uma linda mulher, e que com tanta
« magnificencia sustenta uma familia toda composta de
« brasileiros ? . . . Sabei pois que aportou ás nossas praias
« sem dinheiro, sem nome e sem familia ; sujeitou-se porém
« a ser caixeiro, percorreu n'essa posição os diversos grãos
« da escala commercial, supportou com paciencia as incom-
« modidades de cada um d'elles, soube trabalhar, produzir
« e economisar, pelo que já tem nome e familia, e colhe
« abundantes fructos da actividade e intelligencia ! . . . Com-
« patriotas ! . . . Reparai bem n'esse estrangeiro ; não para
« lhe invejardes as riquezas, se não para que o seu proceder
« e a sua fortuna vos estimulem. É pois que na patria que
« Deus nos deu ha riqueza, e muita riqueza para todo o
« homem que, como elle, quizer trabalhar e economisar,
« trabalhemos, economisemos e enriqueçamos ; nacionali-
« semos assim o nosso commercio, bem como a nossa patria,
« e, sem maltratar a quem nos serve de exemplo e estimu-
« lo, façamos do Brasil a patria dos brasileiros. »

Esta linguagem repizada todos os dias e a todos os instantes ; esta cruzada geral em favor do trabalho, da economia e da

publica tranquillidade seria para a imprensa periodica, e para todas as capacidades brasileiras a mais honrosa das empresas, e de certo alcançaria as benções da posteridade. O poder legislativo tambem pela sua parte buscaria curar essa terrivel febre que eleva a instrucção superior mui além das forças da população. A tendencia para os empregos, energicamente combatida de todos os lados gradualmente se enfraqueceria ; o commercio, a industria e as artes mecanicas conquistariam muitos cidadãos, e o governo, vendo-se livre de um formigueiro que aspira viver do thesouro, poderia fazer simplificar o pessoal de todos os ramos da publica administração, e applicar aos grandes melhoramentos do paiz as sobras da renda annual, ou diminuir os tributos.

Escuso demonstrar que d'este complexo de melhoramentos tambem para a san moral resultaria um magnifico triumpho, só funesto áquelles que, como o peixe fóra d'água, não vivem fóra das politicas agitações. Estes enfezar-se-ão, e morreriam ; o paiz prosperaria.

E não se persuadea ninguem que o que acabo de escrever seja puro sonho, ou que eu moro no paiz das chimeras. Estas verdades tão palpaveis, já para muitos brasileiros são sedições ; nem eu pretendo as honras da descoberta. Mesmo no parlamento já algumas capacidades reconheceram que a origem dos males, que no tocante ao commercio e á industria, opprimem o paiz, está principalmente nos defeitos da educação da mocidade, emanados da escravidão.

O Sr. Ferraz na sessão de 28 de junho, dizia :

« Ninguem póde contestar que em consequencia d'este mal
« (a servidão), a maior parte dos cidadãos não se querem
« prestar a certos misteres : todos procuram as posições
« mais elevadas. »

E na sessão de 4 de julho, ainda este orador melhor reproduzia o seu pensamento nos seguintes termos :

« Parece-lhe incontestavel que o systema da escravidão é a
« causa principal dos nossos patricios não se darem a cer-
« tos ramos de industria. Será facil, por exemplo, achar
« um nacional que vá empregar-se no serviço de conduzir
« agua pelas ruas? Apesar das medidas legislativas, que
« convidam os nacionaes a se empregarem no serviço das
« capatazias das alfandegas, todo elle recahe sobre os
« escravos. São conhecidos os nossos prejuizos. Até certo
« tempo, a profissão de comico era considerada como infame.
« Conforme a nossa educação, não toleramos o máo trato dos
« logistas quando somos empregados como caixeiros ; quan-
« do somos tratados mais asperamente, pegamos no nosso
« chapéo e não continuamos a ser caixeiros. Difficilmente
« se encontra quem queira ser caixeiro de taverna. É
« mesmo uma macula dizer-se que foi ferreiro ou taverneiro
« um homem que tem subido a certo gráo ; e todos os que
« tem seguido este e outros ramos de industria o occultam. . .
« Insiste ainda no argumento que apresentou no seu primeiro
« discurso, mostrando que não póde existir no paiz industria
« e commercio, quando não está garantida a liberdade indi-
« vidual e de propriedade. »

O mesmo desembargador Nunes Machado não podendo resistir ao peso de semelhantes verdades, tributou-lhe na dita sessão de 4 de julho a sua homenagem, concordando em que um dos grandes males do Brasil é a servidão.

E concluindo, para evitar prolixidade, o Sr. Tenreiro Aranha, na sessão de 28 de julho do mesmo anno, abundando no sentido dos antecedentes oradores, dizia :

« Se os caixeiros das casas de commercio do Brasil po-

« dessem ser qualificados nas tres ordens de guarda-livros,
« primeiros caixeiros e principiantes ; se suas applicações
« fossem puramente ao manejo do commercio ; se os caixei-
« ros brasileiros podessem gozar dos mesmos direitos de que
« gozam os seus concidadãos, certamente poderíamos ter
« muito maior numero do que temos presentemente. Exa-
« minando a sorte e a condição dos nossos caixeiros, prin-
« cipalmente nas casas de commercio a retalho, por onde
« de ordinario se principia, poder-se-ia reconhecer com evi-
« dencia que elles não são mais do que creados. Se se attender
« a que a constituição declarou que elles eram creados, não
« dando o direito de votar nas eleições primarias aos cai-
« xeiros que não fossem guarda-livros e primeiros caixeiros ;
« se se attender á indole, educação e costumes dos brasi-
« leiros, reconhecer-se-ha que, habituados a serem senho-
« res, com grande repugnancia se submetterão á triste con-
« dição de creados. Acredita que a lei não poderá contra-
« fazer a indole e costumes dos brasileiros . . . Acha que es-
« ta medida (a prohibição do commercio a retalho) não de-
« ve passar, que as medidas de que precisamos são aquel-
« las que dêm garantias necessarias aos estrangeiros para
« exercerem qualquer ramo de industria ; e, finalmente,
« acredita que o commercio a retalho não deve ser vedado
« ao estrangeiro, &c., &c. »

Mas o que significa tudo isto se não o mesmo que eu disse, talvez com mais alguma clareza ?

O Brasil não está em situação de exterminar desde já o ter-
rivel cancro que o devora, e provavelmente algumas dezes-
nas de annos se passarão antes d'esse dia raiar, se é que,
sem se arriscar a tremendos abalos, ou mesmo sem aventurar
a sua existencia como nação, elle jámais póde realizar esse

exterminio, attenta, entre outras difficuldades, a de povoar os seus sertões de braços europêos, dispostos a substituir totalmente os braços escravos. Se lá para o sul da capital do imperio essa substituição se pôde ir lentamente operando, cá para o norte ella experimenta no clima formidavel resistencia.

Cumpre no entretanto á imprensa periodica esclarecida, seja qual fôr a sua crença politica, exercer aquelle grande e honroso apostolado. Cumpre-lhe, não soprar o fogo da discordia e da inveja entre o rico e o pobre ; não alimentar com calumnias, doestos e crimes imaginarios o odio da população menos abastada e illustrada contra o pacifico estrangeiro que trabalha, senão prégar-lhes as doutrinas de Claudio Gerardo, aquelle mestre-escola, na boca do qual Eugenio Sue, ácerca do trabalho, põe tão bellas maximas ; e fazer em cada cidade, villa e aldêa, plantar centenares de bandeiras, cuja unica divisa seja — ORDEM, TRABALHO E ECONOMIA. — Pregue-se tambem uma e milhares de vezes não ser possivel continue a crescer o numero dos que vivem só a expensas do thesouro ; que o paiz em toda a parte offerece melhores caminhos para chegar ás honras e á grandeza ; que não é vergonhoso descender de uma familia illustre, remediada ou rica, e ir, na officina do artista, ou na loja de um patrão, trabalhar para ser rico ; pregue-se que com trabalho, constancia e actividade se pôde um dia pelo baleão do quitandeiro ou do logista, bem como pelas escadas de uma officina, subir ás brihantes posições da sociedade, emquanto do leito da preguiça e da ociosidade, em geral, mui cedo se caminha para as enfermarias de um hospital, ou para o cemiterio. Repita-se incessantemente que o pai do afamado lord Peel soubera pelo trabalho e pela industria elevar seu filho a uma tal

altura que todo o mundo lh'o via e conhecia ; que Alexandre Baring, pelas riquezas adquiridas no commercio, alcançára bastantes conhecimentos e influencia para se fazer nomear deputado, ministro e lord Aghburston ; e que mesmo no Brasil não mingam exemplos de homens que, pelas vias commerciaes passaram do nada a occupar mui subidas dignidades. Evangelise-se emfim por toda a parte ; acordem-se as infimas classes da inercia em que jazem ; inspire-se-lhes uma ambição salutar para ellas e para o paiz, amor á ordem, ás leis, ao trabalho e á economia ; corrijam-se os vicios da educação das classes mais elevadas, de geito que a mocidade, deixando de pensar que o trabalho lhe rebaixa o nascimento e dignidade, se dedique a todas as profissões uteis, e ver-se-ha que a semente da palavra não cahio em terreno safaro. Em dez, vinte ou trinta annos o Brasil se achará industrial e commercialmente assás melhorado ; apresentará uma plebe mais util, industriosa e civilisada, contará muitos proprietarios brasileiros enriquecidos pelo negocio, ou pela industria, isto é, muitas mais garantias de ordem ; e a prosperidade altamente se manifestará por todo o imperio. E em taes circumstancias, já a concurrencia de nenhuns estrangeiros poderia assustar os filhos do Brasil. Continuariam estes a supportar os incommodos que em toda a nação trás a qualidade de cidadão ; mas esses incommodos seriam bem compensados pela protecção que a legislação patria forçosamente lhes havia de dar em detrimento dos mesmos estrangeiros, como succede na Inglaterra, na França e n'outros estados.

O PROGRESSO tambem louvou a **REVOLUÇÃO DE SETEMBRO** por haver desapprovedo o procedimento dos seus conterraneos residentes no Brasil ; mas do que n'esta defeza deixo ponderado, infere-se que, se aquelle periodico lá em Lisboa,

aos seus compatriotas d'aquem-mar, dava os conselhos que o mesmo **PROGRESSO** chama salutaes, e que certamente o seriam (não os li), era por ignorar que elles já ha muito faziam, e creio que sempre fizeram, o que nos taes conselhos se lhes recommendava. Os aconselhadores certamente não sabiam que os portuguezes desde a independencia não tomaram nenhuma parte nas questões politicas dos brasileiros, e que tudo quanto uma parte da imprensa contra elles, a diversos respeitoos ha divulgado, é completamente falso e calumnioso. Lendo em certas gazetas as queixas por um modo tão positivo e energico, formadas contra os filhos de Portugal, não imaginou a **REVOLUÇÃO** que se podesse tão despejadamente faltar á verdade, e tratou de nos admoestar; comtudo, se atravez d'essas longas e frequentemente bem grosseiras tiradas que nos injuriam, ella divisasse a verdade, tenho fé que stigmatizaria a feia ingravidão com que n'esta terra são tratados homens que tanto para ella trabalham (o mesmo **ARGOS MARANHENSE** confessa que os portuguezes são trabalhadores), e que, com a vehemencia com que usualmente falla, buscaria desaffrontal-os de tantos baldões mui a miudo escriptos com o sangue vertido pelas **SANGRIAS LARGAS, PELO PITIÁ BORDÃO OU PELO TATAJUBA.**

Escreveu ainda o **PROGRESSO**: — « Não se diga que os brasileiros acham-se excluidos do commercio por se não darem a elle, por não terem para isso a necessaria aptidão. A causa é outra; porque para destruir esta asserção, bastam esses poucos caixeiros brasileiros, **QUASI TODOS EMPREGADOS NAS CASAS INGLEZAS. . . .** » Mas eu, abandonando a questão da aptidão intellectual que nunca lembrou a portuguez algum, sómente investigarei o que ha de real nas vozes — **QUASI TODOS EMPREGADOS NAS CASAS INGLEZAS.**

Como nunca residí nas outras cidades do littoral brasileiro, não posso como testemunha occular dizer o que a tal respeito ahi succede ; porém a calcular pelos dados que o Maranhão fornece, aquella asserção é destituida de todo o fundamento.

Na data em que o PROGRESSO escrevia o artigo a que respondo, 23 de março, existiam n'esta capital os mesmos estabelecimentos inglezes que hoje vêmos, quero dizer, dez, incluindo uma quitanda anglo-luza. Estas 10 casas empregam 12 caixeiros inglezes, 10 brasileiros, 10 portuguezes e 1 allemão. Ora, 10 caixeiros brasileiros em casas inglezas é bem pouca cousa para, em relação ao total, se escrever — QUASI TODOS EMPREGADOS EM CASAS INGLEZAS.

Das indagações a que em fins de junho e começo de julho fiz proceder, e cujos resultados, salvo alguma ligeira inexac-tidão, podem, julgo eu, sem receio ser acreditados, consta existirem n'esta capital 512 caixeiros, sendo 343 portuguezes, 154 brasileiros (não comprehendidos os do Banco), 12 inglezes e 3 de outras nações.

Os caixeiros portuguezes acham-se repartidos como se segue :

Os estabelecimentos portuguezes occupam 189 ; os dos adoptivos 103 ; os dos brasileiros natos 29 ; os dos inglezes 10, e 12 os de outras nações. Dos caixeiros brasileiros servem 71 nas casas portuguezas, 14 nas dos adoptivos, 24 nas dos brasileiros natos, 10 nas dos subditos britannicos, e 5 nas de outras nações. Mas, se com a gente portugueza e com os adoptivos, isto é, com os homens dos CONLOIOS, COM OS RIVAES COMBINADOS ENTRE SI para desviar a mocidade brasileira do commercio, servem 115 caixeiros nascidos no imperio, e apenas uns 10 com os bretões, como se ousou dizer — quasi

todos empregados em casas ing'ezas? Valia a pena averiguar melhor estes factos, para não se escreverem tamanhos absurdos.

E mais um reparo a este respeito eu devo fazer. Os estabelecimentos brasileiros com caixeiros são n'esta cidade sómente 33, os quaes occupam 29 caixeiros portuguezes e apenas 24 brasileiros. Ora, qual o motivo porque tão poucas casas brasileiras chamaram tantos caixeiros portuguezes? Achar-se-hão ellas CONLOIADAS com os seus compatriotas para da vida commercial desviarem os seus? As asserções do PROGRESSO favorecem esta illação; mas haveria n'ella tanto de ridiculo, que ninguem ousaria sustentá-la. A causa deve por tanto ser mui diversa, e talvez não leve. Se o homem em terra alheia, como o PROGRESSO justamente observa, OBEDECENDO AOS IMPULSOS DO CORAÇÃO, NÃO PÓDE DEIXAR DE AGAZALHAR DE PREFERENCIA O SEU PATRICIO DESVALIDO, o que está na sua patria, e que tambem possui um coração, cujos impulsos devem movê-lo, ha de em idênticas circumstancias preferir os seus conterraneos desvalidos aos estrangeiros. Pelo que, se os brasileiros no Maranhão accommodam 29 portuguezes e apenas 24 dos seus, não é seguramente por desobediencia áquella lei, senão por não acharem entre os ultimos quem os queira servir, por encontrarem nos portuguezes menos exigencia e mais obediencia, ou por algum outro motivo plausivel.

Mas, se o que aqui se passa já assás refuta as arguições do PROGRESSO, o que em Caxias acontece completamente as aniquila.

Pelas informações estatísticas que relativamente ao pessoal empregado no commercio d'aquelle emporio do sertão da provincia pude colher de pessoas que bellamente o conhecem,

observo que existem alli 122 estabelecimentos de negocio, sem contar alguns dos infimos. Esses estabelecimentos prestam-se a esta classificação. A brasileiros natos pertencem 50; a brasileiros e portuguezes 4; a brasileiros com adoptivos e portuguezes 1; aos adoptivos 22; aos adoptivos com portuguezes 3; a portuguezes 40; e a francezes 2. Os caixeiros que os servem são 177, a saber: 134 brasileiros, e 43 portuguezes. Cumpre declárar que no numero dos 134 comprehendem-se varios mancebos, que por estarem dando o tempo, ainda não vencem ordenado. Os caixeiros brasileiros acham-se d'este modo repartidos. Em casas brasileiras 58, nas dos adoptivos 26, nas dos portuguezes 39, nas sociedades brasilico-luzas 6, na de brasileiro, adoptivo e portuguez 3, e nas casas de outras nações 2. Dos caixeiros portuguezes, 20 arranjaram-se em casas portuguezas, 9 nas dos adoptivos, 6 nas dos brasileiros, e os 8 restantes nas outras.

Todavia, se a gente nascida em Portugal puzesse a mira em desviar do commercio os filhos do Brasil, empregaria só n'aquellas duas cidades 185 d'estes? Ora, eu sei por informações de pessoas que visitaram as principaes povoações maritimas, que em todas ellas avulta o numero dos caixeiros brasileiros ao serviço dos portuguezes, e posso accrescentar que no sertão ellees são quasi os unicos com que se servem os meus patricios, nem estes ahi achariam outros. Lições mui severas já os convenceram de que lhes era mui nocivo perder de vista as ondas do mar. Mas o peor é que as taes lições tambem do interior afugentam a emigração das outras nações, o que talvez produz na beira-mar uma superabundancia de caixeiros, tão prejudicial a estes como ao paiz. É de crêr que no Maranhão, em Pernambuco e na Bahia, os estrangeiros que se dedicam á vida caixeiral, a

única em que se lhes offerecem vantagens, excedam as necessidades do commercio ; e no Rio de Janeiro tambem se accumulam 20,000 francezes com bastantes milhares de portuguezes e de outros emigrados, em quanto uma boa porção de toda essa gente estaria melhor collocada no interior. Mas o que fará esse pessoal superabundante ? Internar-se-ha a um ou dous mezes de caminho dos portos marítimos, para ahí ser victima da inveja ou das rusgas ? O que importa a riqueza que por lá se póde ganhar, se a segurança individual e a propriedade correm mil perigos ?

Não é portanto exacto que quasi todos os caixeiros brasileiros sirvam nas casas inglezas ; comtudo não deixa de ser verdade que quasi todos, por um motivo mui attendivel, as preferirão a quaesquer outras.

A generalidade dos inglezes estabelecidos no imperio negocia só por atacado, e paga bons ordenados. Em casa d'elles pouco se vive com a escravatura, nem com as ultimas classes ; por isso raramente o serviço a fazer repugna aos habitos da creação. Os domingos sempre n'essas casas são observados, e nos dias de trabalho o escriptorio regularmente abre-se entre as 7 e as 8 horas, para se fechar das 3 para as 4 da tarde, ficando assim bom espaço para folguedos. Ora, isto é bem mais agradavel do que amanhecer todos os dias da semana, sem exceptuar os santificados, a um balcão, e permanecer ante elle até as 8 ou 9 horas da noite, lidando quasi unicamente com a plebe e com escravos. Não podendo porém com os subditos britannicos accommodar-se senão um exiguo numero de pretendentes, é indispensavel que a mocidade brasileira com facilidade se amolde ao serviço de quaesquer outras casas de commercio.

Em todos os paizes a gente de negocio, pelos seus habitos,

constitue uma classe mui distincta das outras. Em Londres, e n'outras localidades da Gran-Bretanha, no dizer de um escriptor inglez, que esse uso censura, costuma-se hoje assalariar caixeiros e caixeiras que, vindo de manhan para as lojas, voltam á noite, comendo e dormindo em suas casas : no Brasil ainda se conserva um pouco d'aquelles rigidos costumes que os inglezes com a sua usual severidade observavam ha 60 annos. Tanto os negociantes brasileiros como os portuguezes, salvas poucas excepções, recolhem em suas casas os caixeiros ; exigem que as portas se fechem ás dez horas da noite, e outras exigencias farão, cuja aspereza talvez sem inconveniente de maior se podesse modificar. Em quanto porém semelhante modificação não se realisar, que remedio se não amoldar-se cada um ao genio, ao viver de quem lhe paga ? Em attenção a isto, eu creio que mais valeria aconselhar os mancebos a ser soffredores, do que lisongear-lhes os flatos, dizendo-se-lhes que têm direito a ser bem tratados. Sim, todo o homem que serve a outro tem direito à ser bem tratado ; com tudo é mister soffrer para menos soffrer, e a profissão commercial, como a do artista, a do litterato e todas, podem equiparar-se a um edificio, a cuja cupula se não chega sem percorrer todos os seus degrãos. Consequentemente, quem do atrio pretender trasladar-se ao tópo, ha de resignar-se ás fadigas e aos dissabores que em tão enfadonho transito se costumam experimentar. Soffrimento, perseverança, trabalho e economia, eis, ainda o repito, a escadaria, para o pobre com prospero exito chegar ao fim da vida commercial. Não são os patrões que hão de andar ao geito dos caixeiros, senão os caixeiros que hão de andar ao dos patrões.

Fôra-me indispensavel compôr um volume do tamanho de

uma PROSODIA, se houvesse de refutar quantas criminações aos filhos de Portugal tem sido feitas ; pelo que, d'esta vez, ficarei aqui. Estou inteiramente convencido de que já disse assás para a todo o mundo fazer conhecer a iniquidade com que no Brasil se lhes move guerra tão implacavel.

Deixo escriptas algumas verdades, talvez bem amargas ; porém os brasileiros em geral hão de fazer-me justiça, e reparar que a divulgação d'essas verdades, era mui necessaria ao meu fim. Além d'isso, o direito de accusar é correlativo da obrigação de ouvir a defeza, a qual, dentro do honesto e do justo, não conhece limites alguns. Desde a independencia que os portuguezes são aqui á sua revelia vilipendiados ; uma voz portugueza ainda não havia energeticamente soado em seu favor, pois que, se d'além do Atlantico já alguns brados de indignação se soltaram em beneficio d'elles, o eco d'esses brados, já quasi abafado pelo bramido das vagas, acabou de sumir-se nos rochedos da praia. E demais, aquelles clamores eram soltos por gente mui arredada d'estas latitudes, a qual difficilmente podia apreciar bem os factos, contra os quaes clamava, nem graduar a culpa que o Brasil tinha nos infortunios dos portuguezes. D'ahi proveio certamente o imputar-se alguma vez a todo o paiz a culpa de excessos, que el'e presenciou com dôr, mas que não pôde reprimir. Eu não podia commetter semelhante erro ; por isso dou a cada um o que lhe pertence ; e por isso reconheço que o povo brasileiro, sempre benefico e generoso, no geral detesta as scenas de horror em que os portuguezes mais de uma vez mui ao vivo representam como victimas.

Mas, para em tudo ser justo, pretendo ainda fazer confissões, e dar agradecimentos.

A propaganda que ultimamente, mais feroz do que nunca, no Maranhão, e outros pontos do imperio, se renovou contra os nascidos em Portugal, foi pelo PROGRESSO duas ou trez vezes altamente reprovada, e por isso grandes louvores lhe cabem; contudo, quem na estacada pelejou com mais generosidade, valor e assiduidade em favor dos perseguidos foi o Sr. Francisco Sotero dos Reis, então digno redactor da REVISTA, e hoje do CORREIO DE ANNUNCIOS. Este illustrado brasileiro, que a ninguem cede no amor ás instituições, á independencia e á prosperidade da sua patria, erguendo-se quasi só contra aquella atrocissima perseguição, constantemente na REVISTA a combateu com as armas do raciocinio, que tão destramente maneja; e houvera derrotado os antagonistas, se com taes armas elles podessem ser derrotados. Em nome pois de todos os portuguezes, da razão e da boa moral, eu para sempre aqui tributo ao Sr. Francisco Sotero dos Reis um voto de sincero agradecimento.

Se mais alguem houve, quer n'esta provincia, quer nas outras, que então pela imprensa se puzesse do lado dos accusados contra os accusadores, isto é, do lado do fraco contra o forte, saiba que a gratidão dos portuguezes é para todos.



777 DV

